

CONTAR PARA *inspirar*

Histórias
de Profissionais
da Contabilidade
de Santa Catarina

75 anos **CRCSC**

*Nossas conexões
fazem história*

Expediente

Comissão do Livro CRCSC

Daniela Zimmermann Schmitt (Coordenadora)

Aldo Esmério de Oliveira Junior

Elias Nicoletti Barth

Elisete Dahmer Pfitscher

Gilberto Brasil

Rubia Thaise Quioca

Solange Rejane Schroder

Projeto Editorial: Quater

Textos: Diego Guichard

Diagramação: Diego Santos de Oliveira

Capa: Ana Cláudia Antunes Vallejos

Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina (CRCSC)

Contar para Inspirar – Histórias de vida de profissionais da Contabilidade de Santa Catarina. Florianópolis, 2021. 127 p.

E-book : il. color.

E-book, no formato PDF,

ISBN 978-65-996812-1-9

1. Contabilidade. 2. Crônicas. 3. Memórias

I. Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina. II. Contar para Inspirar.

CDD: 657

05	ATLETA DA CONTABILIDADE	65	REFERÊNCIA NA PROFISSÃO
09	CLÁSSICO E PIONEIRO	70	DUAS VEZES IMORTAL
13	PRESENTE TRANSFORMADOR!	74	RAÍZ CATARINENSE
17	HISTÓRIA NO OESTE	78	PLANTAR CONHECIMENTO
21	PAIXÃO LEVADA A SÉRIO	82	FOCO NA DIDÁTICA
25	TRABALHO E FAMÍLIA	86	SONHAR PARA MUDAR E TRANSFORMAR
29	NENHUM HOMEM É UMA ILHA	90	MELHORANDO VIDAS
34	SORTE? OU OPORTUNIDADE E PREPARO?	94	NUNCA É TARDE
38	PELOS MUNICÍPIOS	97	SORTE NO ÔNIBUS MATINAL
42	MELHOR PROFISSÃO DO MUNDO	101	O ESCRITÓRIO DAS TRÊS MULHERES
46	UNIÃO E VALORIZAÇÃO	105	SEMPRE ATUAL
50	QUANDO TUDO ERA MATO!	109	PROFISSÃO: CONTADORA E YOUTUBER
53	SUPERAR BARREIRAS	114	O NEGÓCIO É PEGAR NA EMOÇÃO
57	DETALHES QUE FAZEM A DIFERENÇA	118	BIBLIOTECA HUMANA
61	ESPÍRITO DE COOPERATIVISMO	121	O ANSEIO POR ENSINAR

História da Contabilidade

Em nossas vidas, não sabemos exatamente o ponto em que começamos a criar a nossa narrativa, até porque ela perdura a vida toda. Como dizia o poeta existencialista Antônio Machado: “O caminho se faz ao caminhar”. E é assim que é. A nossa história é construída todos os dias, desde os pequenos acontecimentos, até os grandes.

O Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina completa, em dezembro de 2021, 75 anos de uma trajetória que está só começando. E quanta coisa já foi vivida até aqui, quantas mudanças e quantas pessoas já não fizeram parte desse legado...

Essa história, além de ser construída por fatos históricos, é feita por pessoas. Afinal, que história seria contada sem personagens? Neste livro, vocês irão conhecer alguns relatos de incentivo, de superação e de contribuição da contabilidade para a sociedade. Se eu pudesse antecipar o que será encontrado nas próximas páginas, eu diria: amor e orgulho pela profissão contábil.

Acompanhar, desde a ideia inicial até a execução dessa obra, foi desafiador e prazeroso. Foram muitas pessoas envolvidas no desenvolvimento deste projeto, todas com o objetivo primordial de valorizar a profissão, contando as histórias destes profissionais da forma mais bonita e real possível. Deixo aqui registrado a admiração pela Comissão do Livro do CRCSC, que idealizou e conduziu o projeto com maestria e muita inspiração. “Contar para Inspirar”, não é uma tarefa fácil, mas quando se tem amor pelo que faz, tudo flui como se deve fluir, e fico imensamente feliz de saber que você terá acesso a um trabalho que trouxe tanto orgulho para todos nós.

Ao longo dos próximos anos, que muitas mais novas histórias sejam escritas. E, mais importante do que isso, que elas sejam contadas e lidas. Porque depois da história, dos personagens e da obra vem o motivo principal de todo legado: o leitor.

Convido para que mergulhem no universo desta obra, que prestigiem essas narrativas e entendam por que a contabilidade nos conecta e nos faz ter orgulho da profissão que escolhemos.

Boa leitura!



RÚBIA ALBERS MAGALHÃES

— Presidente do Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina

ATLETA DA CONTABILIDADE



ADEMIR PRONER

— Professor - Lacerdópolis/SC

Nome de jogador ele tem. Habilidade também. Não deixa a modéstia atrapalhar e admite que sempre foi um bom ponta-direita. Mesmo assim, jamais levou adiante esse talento. Os dribles ficaram restritos às peladas de Lacerdópolis, em Santa Catarina. Vestir a camiseta do seu querido Flamengo? Só para torcer mesmo.

Ademir Proner já estava com o destino traçado. E em outro campo, bem longe do futebol. Mas na contabilidade.

Tudo começou na produção rural do seu Valério, o pai de Ademir, que foi um dos fundadores da Cooperativa Agropecuária de Lacerdópolis há 40 anos. E foi nela que Ademir ocupou suas primeiras funções, contratado pela cooperativa com a função de serviços gerais. Como se fosse uma promessa de categorias de base olhando seus ídolos jogarem, o jovem Ademir aprendeu ali que poderia brilhar em outro trabalho coletivo diferente do esporte: o cooperativismo.

– As cooperativas surgem das dificuldades, da crise. A nossa foi assim – conta. – O que mais me fascina é ajudar as pessoas que necessitam do cooperativismo

“A primeira porta que se abre em qualquer profissão é a humildade. Sejam simples, sejam humildes.”

para crescer e se desenvolver num ambiente capitalista, que muitas vezes é selvagem e exclui muitas pessoas no processo das oportunidades.

“Inclusão”. A palavra pode ser vista como norteadora da trajetória de Ademir. Além do futebol, é fã de Raul Seixas e não por acaso adota como lema a canção “Tente Outra Vez”. Ele sempre gostou de aumentar a lista de desafios. O destino parecia estar traçado na cooperativa do pai agricultor. Mas o filho foi além. E tentou mais uma vez.

– Quando fiz o 2º grau, em nossa cidade a única opção era o colégio Cenecista Professor Leonardo Proner, que tinha a formação de técnico em contabilidade. Gostei tanto dos primeiros ensinamentos de contabilidade que não tive dúvida e ingressei no curso superior de contabilidade na Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), de Joaçaba, em 1989.

“O que mais me fascina é ajudar as pessoas que necessitam do cooperativismo para crescer e se desenvolver num ambiente capitalista, que muitas vezes é selvagem.”

Da teoria à prática, Ademir liderou a contabilidade interna da cooperativa do pai, modernizando os processos por meio de gestão profissional com tecnologia e informatização. Ademir fala, contente, que ajudou a inaugurar uma “nova era” para os cooperados.

Até então, Ademir estava, como se diz na linguagem do futebol, jogando em casa. Produção rural, cooperativismo, contabilidade. Ali, era o dono da bola. O dono do campinho. Faixa de capitão e camisa 10. Até que a professora Dorvalina surgiu com um convite tão inesperado quanto um carrinho de um zagueiro na hora de o atacante fazer o gol. Ela convidou Ademir para ser professor na Unoesc.

– Eu achava que a última coisa que eu ia ser na vida era professor...

A dúvida passou pela cabeça de Ademir. Deveria aceitar o convite? Era uma mudança grande na carreira. Como um jogador se tornar treinador.

– Como eu posso saber se sei fazer se eu não tentei ainda? Gostei tanto desse pensamento que comecei depois a usar em sala de aula para os meus alunos.

Ademir aceitou. E não parou. Afinal, jogador de clube grande nunca se acostuma a grandes conquistas. Como a realização do mestrado. O curso foi feito em Blumenau, o que exigiu paciência da esposa Edna e do filho William. Na época, o hoje homem feito de 23 anos era apenas uma criança que queria passar o dia brincando com o pai. Mas Ademir precisava estudar, trabalhar e lecionar. Quase não tinha tempo para o lazer.

Uma rotina corrida que, inclusive, o colocou diante de um dilema, após lesionar o ligamento cruzado do joelho direito. Ademir se machucou jogando bola e, caso fizesse a cirurgia que era necessária, poderia perder o período para se formar no mestrado. É claro que ele adiou o procedimento. Até porque, já foi possível perceber, que o verdadeiro jogo de Ademir era outro.

Assim como na jornada de um grande jogador, os sacrifícios acabariam recompensados. Promessa das categorias de base, jogador talentoso e treinador metódico. Seguindo a analogia do futebol, faltava a Ademir ser dirigente. E, em 2012, assumiu a presidência da cooperativa, a qual seu pai foi um dos fundadores. Atuou em dois mandatos de três anos, deixando o cargo por força do estatuto. Permaneceu como diretor-executivo.

Às vezes, mais importante do que vencer é saber a hora de parar. Ademir pendurou as chuteiras, ou melhor, deixou a universidade depois de 25 anos. O ano de 2021 era momento de focar no retorno à presidência da cooperativa, além da atuação no conselho da Federação das Cooperativas Agropecuárias (Fecoagro).

- Para o município e os cooperados, a evolução financeira e social ficou muito evidente, hoje o sistema corresponde por mais de 50% da arrecadação do município. Com o ganho em produtividade e a profissionalização dos nossos cooperados e as parcerias com a Cooperativa Central Aurora Alimentos, aumentou o lucro dos nossos produtores e, com isso, fixou muitos jovens nas sucessões das propriedades rurais, e conseguimos transformá-los em empresários rurais.

O relato de Ademir transparece o orgulho de quem conseguiu colocar em campo a tática treinada. E, mais importante, saiu do jogo vitorioso.

– Tenho muito orgulho nessa vida de ver que as duas únicas empresas que

tenho assinatura são a universidade e a própria cooperativa. Elas me deram a oportunidade de ensinar um pouquinho nessa área.

Ademir segue ensinando:

– A primeira porta que se abre em qualquer profissão é a humildade. Sejam simples, sejam humildes. Eu comentava que, na nossa profissão, nós temos a missão da ética profissional. Nós somos guardiões das entidades. Temos o poder de sensibilizar o empresário a não ir para o lado errado, a agir com ética, com profissionalismo. A responsabilidade como contador é muito grande.

Palavras que viram lições para sempre. E que valem tanto quanto um gol de placa.

CLÁSSICO E PIONEIRO



ANTÔNIO ADOLPHO MARESCH (*IN MEMORIAM*)
— Empresário Contábil e Professor - Joaçaba/SC

Ele não se dava muito bem com computadores. Nutria familiaridade, no máximo, com uma máquina de escrever eletrônica. Esqueça algo parecido com aplicativos de streaming para ouvir músicas. Um aparelho de som daqueles imensos e com abertura para tocar CD era a sua companhia. As canções favoritas? As melodias épicas, de Beethoven a Chopin, claro. Antônio Adolpho Maresch era, antes de tudo, um homem clássico.

“Nada pode soar mais clássico do que ser uma pessoa pioneira. Antônio Adolpho foi um dos criadores do curso de Ciências Contábeis da Unoesc, em Joaçaba.”

Afinal, nada pode soar mais clássico do que ser uma pessoa pioneira. Antônio Adolpho foi um dos criadores do curso de Ciências Contábeis da Unoesc (Universidade do Oeste de Santa Catarina), em Joaçaba. Até hoje seu nome reverbera pelos corredores da faculdade. Mesmo quem nunca o viu atesta a popularidade. E, mais do que isso, presta reverência ao precursor.

– Foi um dos primeiros contadores da região. Quando se fala no nosso curso por aqui, é impossível não lembrar o nome dele – endossa André Carlos Einsweiller, professor da Unoesc.

Mas, antes de se tornar um clássico da contabilidade, Antônio Adolpho precisou tomar uma atitude, digamos, bem mais rock and roll. Nasceu em agosto de 1929, filho de imigrantes europeus, na Linha Santo Antônio de Caraguatá, distante cerca de oito quilômetros da sede do atual município de Joaçaba. A ligação com a cidade era feita por uma precária estrada de terra.

Não se tratava, portanto, de terreno fértil para trabalhos intelectuais. O pai, um austríaco mão de ferro, acabou se dedicando à agricultura. Mas essa não era a vida sonhada pelo então jovem Antônio Adolpho.

– Ele não queria nada com a agricultura, fugia do cabo da enxada como o diabo foge da cruz... O negócio dele era a cidade, o estudo – lembra sorrindo o filho Walter.

Se o pai de Antônio não se animava muito com os estudos, a mãe enfermeira o apoiou. Leitora voraz, ela incentivava e, mais do que isso, era uma exigente fiscal dos deveres de casa. E sabia que o lugar do filho era longe da roça.

Antônio rumou para Joaçaba, onde ingressou na recém-inaugurada agência da Caixa Econômica Federal, na função de caixa, na qual trabalhou por quase oito anos. Formou-se em técnico em contabilidade mesmo já casado e com cinco filhos.

Obteve ainda os diplomas em Ciências Econômicas e Ciências Contábeis, pelo instituto de Ciências Sociais do Paraná. Isso mesmo. Antônio Adolpho fazia longas viagens interestaduais para cumprir sua vocação para o estudo.

E, claro, não parou por aí. Complementou sua formação com pós-graduação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), entre outros diversos cursos. Prova de que fugir da enxada não era capricho. Tratava-se simplesmente de uma questão de vocação.

E quem anseia tanto por aprender também acaba tendo muito a ensinar. Antônio exerceu a atividade contábil em sua plenitude, como empresário contábil, prestando assessoria e trabalhando como perito. Mas foi na academia que virou lenda. Foi professor no CNEC de 1961 a 1964, e também na Unoesc de 1976 a 2005, além de coordenador do curso e presidente do Conselho Curador da Fundação do Oeste de Santa Catarina.

Antes, porém, precisou transformar o sonho do curso em Joaçaba em realidade. Antônio desejava, acima de tudo, um acesso mais fácil dos alunos do

interior à educação. Que não precisassem abandonar a casa dos pais nem gastar horas dentro de um ônibus. Que estudar fosse algo natural, orgânico, suave e prazeroso. Como ouvir Chopin.

– Se hoje a Unoesc tem mais de 13 mil alunos na graduação é porque o professor Maresch dedicou sua vida ao magistério e à construção da Unoesc. Quem olha a Universidade e a sua grandiosidade, às vezes, não sabe que ali teve uma ação ativa do professor buscando recursos estaduais e federais para assentar os primeiros tijolos – valoriza o professor André Carlos Einsweiler.

Otto tem uma posição privilegiada para falar de Antônio Adolpho. Pode dar o depoimento como filho e também como aluno.

“Antônio exerceu a atividade contábil em sua plenitude, como empresário contábil, prestando assessoria e trabalhando como perito. Mas foi na academia que virou lenda. ”

– Além de ser um exemplo, ele era muito generoso com os alunos. Não tinha aluno ruim. Ele resgatava todos, todo mundo tinha que ir junto no rebanho. Ele foi muitos anos paraninfo, amigo de turma, os alunos faziam questão da presença dele pela figura ímpar que representava – conta, orgulhoso.

Antônio também tem destaque na comunidade regional. Foi tradutor de português-alemão e alemão-português, além de presidente da Associação Rural de Joaçaba e vereador do município. Uma vida agitada, de tirar o fôlego só de tentar ler a lista de atividades. Os filhos Walter, Otto, Bruno, Betina e Cristina se acostumaram a crescer vendo o pai envolto em trabalho.

– Ele gastava os feriados preparando aulas, exercícios, tudo para tentar ajudar os alunos – destaca Otto.

Em julho de 2018, aos 88 anos, Antônio Adolpho Maresch descansou. Mas, de alguma forma, segue firme e forte em cada profissional que ajudou a

formar, em cada aluno que hoje é professor. E que, por sua vez, formou mais professores. Todos podem matar a saudade dele na Unoesc. O Centro Acadêmico de Ciências Contábeis leva seu nome. Uma homenagem justa. E, acima de tudo, clássica.

PRESENTE TRANSFORMADOR!



ARDINETE ROVER
— Professora - Joaçaba/SC

Em meio ao mar de gente que se avolumava em busca de algum agrado para o Natal, surge um balão enorme. Só depois dá para ver, com mais calma e proximidade, quem o carrega. Miúda, a pequena Bruna se aproxima, senta e estende o braço a Ardinete Rover:

– Tia, quero te dar esse balão de presente. Meu pai caiu de uma escada, está sem trabalhar e essa boneca que você me deu vai ser meu único presente neste Natal.

A resposta é simples, porém, tão sincera quanto a oferta:

– Pode ficar com o balão, querida.

Bruna, então, ficou com o balão, com a boneca e com um Natal melhor. Já Ardinete ficou diferente. Nunca mais foi a mesma depois daquele dia quente de dezembro de 2005, no bairro humilde de Nossa Senhora Aparecida, no município de Herval do Oeste, Santa Catarina, ao lado de Joaçaba, onde

“Nós precisamos formar um profissional diferenciado para atuar na sociedade. A cabeça do contador precisa ser humana.”

mora há 15 anos. Não foi a primeira nem seria a última vez que Ardinete ajudaria a transformar a vida das pessoas ao seu redor.

E a transformar a ideia que as pessoas têm do profissional da contabilidade.

– Tem que conhecer o lado humano das coisas para o lado técnico funcionar – sentencia a coordenadora do Curso de Ciências Contábeis da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc).

E tudo começou da maneira mais humana possível. Ardinete queria, primeiramente, orgulhar o pai. Seu Deolino sempre esbanjou sabedoria apesar do pouco estudo, viveu da agricultura até se casar, e pouco tempo depois, trocou a lida na roça por uma pequena marcenaria, onde dedicou praticamente a vida toda, até sua aposentadoria. Deixou os seis filhos por causa de um acidente,

quando tinha 69 anos, mas viveu tempo suficiente para estabelecer um legado de humildade e muito trabalho.

Ver os filhos estudando e ter uma filha trabalhando em um escritório, atrás de suntuosas mesas, era o sonho de Deolino. Em 1978, Ardinete resolveu começar o desafio como estagiária voluntária em um escritório de contabilidade.

– Sou meio metida, né? – brinca.

E que bom que ela se meteu. Inquieta, não se contentava com sua função.

Começou a aprender sobre o dia a dia de outros setores e, em pouco tempo, já estava efetivada e com cargo de chefia. Acumulava a prática com o conhecimento teórico, cursando o curso técnico em contabilidade e, depois, a graduação na área.

Por mais de 12 anos, trabalhou em uma fábrica de celulose, no setor fiscal e de recursos humanos. Mas levou a sério mesmo o termo “humanos”. Com todo o respeito às tais mesas de escritório tão prezadas por seu Deolino, a filha foi um tanto rebelde e encontrou a realização plena colocando o pé na rua

“Independentemente da profissão a seguir, o importante é fazer o que ama. Toda tecnologia é ótima, mas as pessoas são essenciais para vivermos um mundo melhor.”

e olhando no olho de cada pessoa que precisava de seus serviços.

Nessa empresa, por exemplo, costumava deixar o escritório na cidade para ir ao campo. E lá ajudava os idosos com os processos de aposentadoria. Pegava um a um na mão. E só largava quando dava tudo certo. E teve mais. Ajudou até um dos filhos do dono da empresa nas lições de catequese.

Ao entrar no ambiente acadêmico, Ardinete se viu diante de um prato cheio para quem gosta de pessoas. Centenas de mentes e olhos curiosos, ávidos por conhecimento e experiência. Os estudantes, é claro.

– Nós precisamos formar um profissional diferenciado para atuar na sociedade. A cabeça do contador precisa ser humana. A gente quer tirar o antigo paradigma e ensinar o aluno que é possível o contador se integrar à sociedade – explica.

Os alunos de Ardinete sabem bem disso. A sala de aula é apenas uma parte da lição. Existe muita coisa para se aprender do lado de fora. Principalmente, a ser uma pessoa melhor, como na ação voluntária de Natal em que conheceu a pequena Bruna. Ou nas gincanas solidárias, nas hortas comunitárias, nos mutirões de apoio à comunidade na realização do Imposto de Renda. Em 2018, por exemplo, essa iniciativa ajudou 456 famílias a colocar as contas em dia com o Leão.

– E a gente pedia para as pessoas atendidas no mutirão que levassem, de forma voluntária, um quilo de alimento, para a roda da solidariedade seguir girando – acrescenta.

Transformar conhecimento em ações para a sociedade. Soa como música aos ouvidos de Ardinete. Ainda mais quando a canção vem da voz de um de seus ex-alunos. Nando Spessatto se formou em Ciências Contábeis, mas também em Música. Exemplo perfeito e concreto do quanto possível pode ser casar os números com a emoção.

– O Nando sempre aparece aqui na universidade, nunca se desligou da gente – valoriza.

Ele venceu o 3º Festival Nacional de Música Italiana, cantando “Cuore...

Ascoltami” (Coração, me escute), de autoria própria. Uma canção que até hoje acompanha a professora orgulhosa e que tem um título sugestivo. Afinal, Ardinete, por mais que estivesse sempre ligada às ciências exatas, jamais deixou de levar em consideração seus sentimentos.

Assim o fez quando um de seus irmãos perdeu a esposa, pois ajudou a criar seu sobrinho de cinco meses, na época. Hoje Diego está com 28 anos e é engenheiro civil, e tenta ser um profissional que alia a técnica ao fator humano. Como a “segunda mãe” sempre o ensinou.

Seu Deolino, com certeza, deve estar orgulhoso. Seja atrás da mesa de escritório, seja nas andanças pelas comunidades necessitadas, a filha tenta levar ao pé da letra o que sempre ouviu do pai:

– Independentemente da profissão a seguir, o importante é fazer o que ama. Toda tecnologia é ótima, mas as pessoas são essenciais para vivermos um mundo melhor.

A pequena Bruna, o músico Nando, o sobrinho Diego. Exemplos fiéis de que o discurso saiu do papel e virou realidade. Eles, e tantos outros, só têm a agradecer. Mas atenção: não precisa oferecer balões. Ardinete já se sente presenteada todos os dias.

HISTÓRIA NO OESTE



AVACI GAZONI

— Empresário Contábil - Chapecó/SC

Difícilmente, Avaci Gazoni imaginaria que a decisão de deixar a cidade e o Estado onde cresceu para buscar oportunidades teria um impacto tão grande na região que o acolheria. Em Chapecó, empreendeu ao lado do irmão, criou uma empresa de referência e fundou o sindicato que uniu os contadores do Oeste catarinense.

“Avaci sentiu a necessidade de unir sua categoria. Junto com outros empreendedores da área, fundou uma associação de escritórios de contabilidade no Oeste catarinense.”

Em 1968, Avaci mudou-se de Erechim, no Norte gaúcho, para Chapecó, onde trabalharia na empresa contábil de um tio. Ingressou no curso noturno de técnico em contabilidade, teve algumas experiências profissionais no ramo e, depois de seis anos morando no Oeste catarinense, decidiu ingressar na faculdade de Administração de Empresas e abandonar o emprego em uma cooperativa para criar o próprio escritório em sociedade com o irmão Aldino.

– Eu procurei melhorar e não ficar sempre como empregado. A cooperativa acabou fechando depois de pouco tempo, então achei melhor procurar um rumo que

eu já tinha tomado, e já tinha me formado na área da contabilidade – conta.

Depois de conciliar as aulas na Fundeste com os primeiros passos do empreendimento, Avaci se formou em 1978. Ele considera que a graduação agregou conhecimento ao que já tinha, pois conhecer a área empresarial complementa a atuação como profissional da contabilidade. Entre 1979 e 1981, lecionou por três anos na União Catarinense de Educação.

A Contáser Contabilidade cresceu e, mais de quatro décadas depois, segue operando no Centro de Chapecó. E assim como seu empreendimento, Avaci viu muitas pessoas que passaram por lá, seja trabalhando ou recebendo assessoria para suas empresas, tendo sucesso.

– Colegas que passaram pela minha empresa aqui hoje têm sua empresa de contabilidade, ou são fiscais da Fazenda Estadual – conta.

Enquanto comandava a empresa ao lado do irmão, Avaci sentiu a necessidade de unir sua categoria. Junto com outros empreendedores da área, fundou uma associação de escritórios de contabilidade.

Já em 1995, soube que havia uma federação que reunia contadores de todo o Estado, a Fecontesc, após uma conversa com o então presidente, José Sidney Ribeiro Esmério. Foi quando se convenceu da necessidade de criar um sindicato para reunir os profissionais da contabilidade do Oeste catarinense. Nascia o Sindicont Chapecó.

– Partimos para o Sindicont. Fizemos todo o trabalho, criamos o estatuto. Em 1996, foi fundado e eu fui o primeiro presidente. Começamos a organizar realmente a nossa profissão – relata.

Em uma época sem as facilidades de hoje, precisou contratar uma secretária para telefonar para cada companheiro de profissão. Ela informava sobre a criação do novo sindicato e os convidava para se associarem e participarem das atividades.

Determinado a lutar por sua classe, Avaci bancava do próprio bolso as despesas com viagens e hospedagens para reuniões da Fecontesc. Com a divulgação, porém, mais associados apareciam e, com isso, a receita aumentava.

– Começou pelos contatos, o pessoal foi se associando, e todo mundo ajudava. Colaboraram muito ao se associarem. Havia uma mensalidade, mas havia também muitas despesas, e de vez em quando a receita não comportava – recorda.

As dificuldades foram sendo suplantadas, e em 2006 finalmente foi comprada a sala que até hoje abriga a sede administrativa do Sindicont Chapecó. No mesmo ano, terminava o último mandato do contador à frente da entidade. A missão foi cumprida.

Além das reuniões na federação, o sindicato teve um papel ativo na sociedade na região, enviando representante a reuniões com membros de órgãos públicos e governamentais. Sempre tentando ajudar a impulsionar o desenvolvimento econômico de Chapecó e de várias cidades próximas.

“O maior orgulho que tenho é o de ter procurado organizar a nossa atividade ou, pelo menos, aproximar os colegas”

– Na época, eu tinha abrangido em torno de 18 ou 19 municípios. Todos esses municípios pertencem ao sindicato – conta.

Foi uma década de dedicação a uma entidade tão necessária no Oeste catarinense. Avaci lista com orgulho as iniciativas implementadas nesses 10 anos. Como destaque, a criação, em conjunto com o CRCSC, de uma Delegacia Regional em Chapecó.

Ainda foram criados convênios na área da saúde, para atrair associados. A medida deu tão certo que foi estendida a outros segmentos. E a recompensa por um trabalho voluntário tão intenso vai além da satisfação de contribuir com a contabilidade no Estado.

– Nesses 10 anos que eu fiquei no Sindicont, eu tive contato com muitos colegas do Estado. A amizade, até hoje temos. Independentemente de eu não participar mais da federação e das reuniões, ainda hoje tenho orgulho desse pessoal que eu conheci, e de vez em quando a gente se comunica – relata.

Embora tenha deixado a presidência do Sindicont em 2006, continuou

trabalhando em prol de sua categoria. No mesmo ano, passou a integrar a diretoria do Sescon-SC, onde segue até hoje, conciliando as atividades profissionais com as reuniões mensais da entidade.

A atuação pela contabilidade rendeu a Avaci um convite para ser conselheiro fiscal e vice-diretor da região Grande Oeste na Fecontesc. Já são mais de duas décadas dedicadas à categoria.

– O maior orgulho que tenho é o de ter procurado organizar a nossa atividade ou, pelo menos, aproximar os colegas – conta.

Com tantas realizações, Avaci afirma que não mudaria em nada a sua trajetória. O que mudou, segundo ele, foi a postura dos profissionais de sua região, hoje mais unidos. Muito graças à sua atuação à frente do Sindicont Chapecó.

Para quem está começando na contabilidade, a dica é prestar um serviço de qualidade e estipular um preço à altura.

– A valorização da pessoa é pelo serviço, e ela tem que cobrar o justo, e não chegar a preços inferiores para que depois não possa prestar um bom serviço.

Com esse espírito que Avaci Gazoni fez história no Oeste catarinense.

PAIXÃO LEVADA A SÉRIO



ALEXANDRE ZOLDAN DA VEIGA (IN MEMORIAM)
— Professor - Florianópolis/SC

Alexandre Zoldan da Veiga acertava na mosca as marcas de cerveja para se fazer uma boa festa. Ele não aproveitava uma gota do álcool comprado, mas se aprofundou no conhecimento sobre bebidas por um nobre motivo: agradar aos amigos e aos familiares.

“Quando não estava de folga, Alexandre investia todos os seus esforços em outro amor de sua vida: a profissão de contador.”

Esse é apenas um exemplo de um homem que leva a sério suas paixões. Ficar perto dos seus nos poucos momentos de folga era uma delas. Até porque, quando não estava de folga, Alexandre investia todos os seus esforços em outro amor de sua vida: a profissão de contador.

Profissão ou vocação? Quando criança, cuidava da contabilidade de um clube que formou com os irmãos e primos. E ainda era o responsável por fazer as contas durante as compras na feira ao lado da mãe Rosa Santana. Seus três irmãos, Angela, Antônio e Isabel, viviam dando cálculos para ele fazer de cabeça. Com uma calculadora, conferiam os resultados. Alexandre não deixava cálculo sem a resposta correta.

Dá para dizer que a contabilidade estava no sangue, até porque seu pai era advogado e contador. No entanto, Alexandre também herdou outra coisa do seu Luiz Adolfo. Um valioso conselho.

– Façam o que quiserem, mas façam bem-feito – dizia o patriarca aos seus quatro filhos. Com a mesma devoção com que escolhe as melhores cervejas para ver os amigos sorrirem, Alexandre construiu um caminho sólido no ramo da contabilidade. Formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), montou um escritório e também trabalhou em outras empresas privadas até, enfim, encontrar o atalho para a realização profissional completa na carreira acadêmica.

“Ele sempre levava trabalho para casa e dizia: ‘eu me formei na universidade, tenho obrigação de agora retribuir’.”

– Ele sempre levava trabalho para casa e dizia: “eu me formei na universidade, tenho obrigação de agora retribuir” – conta Márcia, a sua companheira de toda uma vida.

Foi nos corredores da universidade, por meio de amigos em comum, que encontrou Márcia. Só trabalhavam em lados bem diferentes. Essa é uma história de amor de um contador e uma artista plástica.

– Não dizem que os opostos se atraem? – sorri Márcia.

O romantismo de Alexandre era típico de um homem dos números. Era exato e ao mesmo tempo apaixonado ao lembrar que, entre namoro e noivado, lá no fim dos anos 1980, foram dois anos e três dias.

Sempre foi apegado à família. Gostava de ficar em casa, mas não negava uma viagem a trabalho. Principalmente, se fosse para lecionar por Santa Catarina afora.

– Ele tinha o dom para ensinar – elogia Isabel.

E o depoimento não é obra sentimental da irmã caçula e coruja. Ao passear pelos corredores da universidade, se comprovava a popularidade de Alexandre rapidamente. Ele tinha até que conviver com uma fila de alunos ávidos por sua orientação no trabalho de conclusão do curso. De tão requisitado, ainda havia estudante à espera mesmo depois de sua morte.

Pode parecer uma obra de ficção de tão incrível, mas boa parte das realizações de Alexandre foi atingida diante de uma batalha paralela, lenta e duríssima contra tumores no cérebro. O primeiro apareceu ainda no ano de 1992, quando começava a dar os primeiros passos como professor na universidade.

Ao todo, entre idas e vindas, bons e maus momentos. Alexandre conviveu com a doença durante 22 anos. Em 1993, fez a primeira cirurgia. Em um mês, já estava de volta ao trabalho. Seis anos depois, o tumor voltou mais agressivo, uma nova cirurgia, muitas sessões de radioterapia e ficou dois anos afastado de suas atividades. Importante ressaltar que nessas idas e vindas da doença Alexandre concluiu o mestrado com sucesso.

Mesmo lutando contra o tempo, Alexandre tinha suas paixões e as carregou com muita garra mesmo nos momentos mais complicados. Seguiu, por exemplo, torcendo firme e forte para o Avaí. O amor ao futebol completava o pódio de prioridades da sua vida, ao lado da família e do trabalho. Chegou a ser conselheiro fiscal do clube, além de um torcedor incondicional.

– O hino do Avaí foi a única música que eu ouvi o Alexandre cantar na vida – brinca Isabel, lembrando que todo novo integrante que nascia na família não tinha escolha e já ganhava no berçário um uniforme azul e branco.

Essa energia incomum e contagiante o levou adiante e lhe permitiu trabalhar até 2012. E agora, sem a possibilidade de uma nova cirurgia, a visão e a parte motora acabaram aos poucos a serem afetadas. Em 2014, enfim, chegou a hora que ninguém desejava. E Alexandre descansou.

– Ele sempre pedia para ver os filhos encaminhados na faculdade. E ele conseguiu – celebra Márcia, ao falar dos filhos Franciele e Lucas.

Nas reuniões em família, a presença de Alexandre permanece no coração dos familiares. Como se nada tivesse mudado nesses anos depois de sua

partida. Amigos, alunos, ex- colegas de faculdade, todos ainda comentam dele. É a marca eterna de quem fez tudo que podia em nome de suas maiores paixões.

TRABALHO E FAMÍLIA



AUGUSTO MARQUART NETO (IN MEMORIAM)
— Empresário Contábil - Florianópolis/SC

A vida de Augusto Marquart Neto é uma lição de paixão pelo trabalho e dedicação à família. Nascido em uma realidade dura, trabalhou desde a infância e aprendeu a contabilidade na prática, o que não o impediu de buscar o estudo anos mais tarde. E prosperou, para ajudar a tornar a vida dos filhos mais fácil que a dele e espalhar a ideia de união de sua categoria.

“Nascido em uma realidade dura, Augusto trabalhou desde a infância e aprendeu a contabilidade na prática, o que não o impediu de buscar o estudo anos mais tarde.”

A realidade que Augusto vivia durante a infância era bem diferente da que deixou para sua prole. Nascido na década de 1950 no Brás, bairro simples de São Paulo, foi criado pelos avós. Era uma família humilde, como muitas na região. Os moradores não eram ricos, mas eram unidos.

– Ele foi criado dentro de uma Vila de casas simples no Brás, e trouxe muito exemplo para os filhos e para a família toda, de que cada um é responsável por aquilo que faz. Ele dizia: “Meus filhos, fui criado numa Vila pobre. No entanto, não segui a maioria dos meus amigos. Alguns já morre-

ram ou por tiro ou por drogas” – relata a viúva Valdete Marquart.

Sempre foi trabalhador. Pelo menos desde os nove anos, quando fazia carreto para levar as compras das madames que frequentavam as feiras de rua, realizadas às sextas-feiras no bairro. Nos mesmos bazares, vendia pipas que ele mesmo fazia com ajuda de amigos.

Mais tarde, já durante a adolescência, passou a trabalhar em uma loja de bolsas e malas, seu primeiro emprego com carteira assinada. Anos depois, ingressou em uma empresa de contabilidade. Mesmo sendo office boy, exercia a profissão à sua maneira.

– Era diferente de hoje, o office boy ia às empresas de contabilidade para buscar e levar documentos. Mas ele levava um livro de registro de notas fiscais e registrava tudo à mão. As notas não vinham para a empresa, ele registrava tudo no livro e fazia ali mesmo a apuração do imposto – conta Valdete. – Era um menino muito sabido. Isso foi uma decisão dele, e a empresa concordou – conclui.

Augusto foi se envolvendo com a contabilidade. Ainda em São Paulo, passou a trabalhar na concorrente da empresa onde estava antes. Por iniciativa própria, fez um teste lá, depois de ter um pedido de aumento negado. Queria sentir-se valorizado, pois sabia que merecia.

A vida ainda guardava grandes mudanças para o jovem. No fim da década de 1970, trocou a capital paulista por Florianópolis, para trabalhar em uma empresa do ramo imobiliário. Lá conheceu Valdete, que hoje recorda uma história curiosa do quão trabalhador era aquele jovem. Ela conta que ao final de um dia de expediente, Augusto fazia bicos como pintor em residências que estavam para ser reformadas.

– Um dia, ele apareceu com o cabelo todo branco. Disse que era porque estava pintando uma casa no Village II na Lagoa da Conceição. Era verão. Para descansar no local, utilizava travesseiro feito de jornal, e ficava lá pintando – conta.

Mas a contabilidade era mais atraente que o pincel, e Augusto seguiu na área, com o conhecimento adquirido na lida. Até que, em 1981, concluiu o

curso de técnico em contabilidade. Ainda nos anos 1980, trocou a imobiliária por uma construtora e, depois, assumiu a função de técnico contábil em uma empresa do ramo de cerâmicas.

No final da década, já casado e com três filhos, Augusto decidiu empreender, trabalhando como autônomo no mesmo espaço onde Valdete havia, anos antes, fundado a própria imobiliária. Assim nascia a Líder Serviços Contábeis, que segue na ativa há mais de 32 anos.

– Ele tinha muita vontade de montar um escritório pra ele. Fiquei bem apavorada. Tínhamos três crianças pequenas e, na época, ele ganhava um salário razoavelmente bom.

“O maior orgulho que tenho é o de ter procurado organizar a nossa atividade ou, pelo menos, aproximar os colegas”

Mas Valdete não precisava ter medo.

A Líder foi – e é – um sucesso. Já bem ambientado no ramo e no Estado que o acolheu, Augusto começou a se dedicar ao associativismo.

Ele foi presidente do Sescon Grande Florianópolis por dois mandatos, além de ter sido diretor financeiro da entidade. Nesta época, idealizou iniciativas como o Declara Certo, que ajudava a informar a população sobre como declarar corretamente o Imposto de Renda. Ainda foi conselheiro do CRCSC e diretor de comunicação da Fenacon.

– Ele gostava de dizer: “contadores não são concorrentes, têm que ser parceiros”. Então tudo o que ele achava na contabilidade sobre inovação, ele ia na entidade para que todo mundo tivesse acesso. Estava sempre acompanhando. Saía legislação nova, não guardava informação pra ele, tinha que ir para todos – conta Valdete.

Ela acredita que essa vontade de ajudar seus pares seja um reflexo de sua infância em São Paulo, onde a comunidade do Brás vivia em dificuldades, mas sempre se ajudava. Época que refletiu, também, na criação dos filhos. Já que enfrentava dificuldades para estudar, queria que as coisas fossem mais fáceis para a geração seguinte.

E foi assim que tomou uma decisão inusitada: a de ingressar na universidade para, depois de mais de 20 anos atuando na área, como técnico em contabilidade, finalmente se formar em Ciências Contábeis. Mas por que estudar uma área que já dominava?

Ele era técnico. Em 2004, fez a graduação porque nosso filho André estava cursando Ciências Contábeis. Então, ele resolveu estudar também – explica Valdete. – Foi uma grande satisfação.

Augusto partiu no dia do Natal de 2020, três anos depois de receber um duro diagnóstico. E quando Valdete conta os últimos momentos do amado antes da última internação, é impossível não nos perguntarmos se ele já sabia que chegava a hora.

Antes da hospitalização, teve uma ideia: faria uma grande celebração com os seis netos – sendo quatro do filho André, e outros dois do filho Alexandre. No dia 20 de dezembro, pediu para Valdete comprar uma fantasia de Papai Noel e, vestido a caráter, entregou presentes aos pequenos.

Foi uma festa tão grande! Ele ficou até meia-noite com os filhos e netos festejando.

Tiramos muitas fotos desse dia, dele vestido de Papai Noel. No dia 21, ele foi internado cedo, às 5h da manhã.

Augusto Marquart Neto seria hospitalizado pela última vez naqueles dias que antecederam o Natal de 2020. No fim das contas, a festa era a despedida. E um desfecho à altura de uma vida admirável.

NENHUM HOMEM É UMA ILHA



CANÍSIO MULLER

— Empresário Contábil - Iporã do Oeste/SC

Quarto filho de uma família de 12 irmãos, agricultores e imigrantes romenos, Canísio Müller é um exemplo de alguém que aprendeu a trabalhar em equipe desde cedo. Conheceu na família o caminho para o sucesso na vida que se abriria na profissão contábil, em que já soma quase 50 anos de experiência e aprimoramento constante.

Para atingir os objetivos, tinha a certeza de que precisaria se aperfeiçoar sempre. Adotou a prática ao longo da vida, assim como outros conceitos. Entre eles, o de incentivar a participação como forma de integração na sociedade.

“O ser humano busca no trabalho sua realização profissional, mas o profissional não se completa por si só.

O profissional bem-sucedido carece de estabilidade emocional e social.”

– O ser humano busca no trabalho sua realização profissional, mas o profissional não se completa por si só. O profissional bem-sucedido carece de estabilidade emocional e social. Nenhum homem é uma ilha. Reconheço em minha família a sustentabilidade e a realização pessoal, que se completa com a profissão – conta.

Canísio não parou de estudar até realizar um sonho. Concluiu o curso de Ciências Contábeis, na modalidade Educação a Distância, em 2010, quando tinha 58 anos.

– Inovar! Era a palavra de ordem. De olho neste propósito, fui buscar uma melhor qualificação. E, como diz o ditado: “nunca é tarde para aprender”.

Mas, voltando ao início da história. Devido à instabilidade econômica e política na Romênia no início do século passado, os pais de Canísio emigraram em busca de melhores condições no Brasil. Após três anos nos cafezais de São Paulo, o lado paterno da família (com cinco filhos) viajou para o Sul em busca de um pedaço de terra. Já o lado materno (com três filhos) buscou a vida no extremo Oeste de SC. Os pais de Canísio se casaram em 1947 no então distrito de Porto Novo, hoje Itapiranga, onde foram pioneiros da comunidade.

“É muito bom participar do nascimento de novos negócios, poder contribuir de maneira direta e indireta pelo crescimento da economia da empresa e da comunidade em geral.”

A juventude de Canísio não foi fácil, sobretudo pela dificuldade no acesso aos estudos. Descobriu que precisaria ter perseverança para seguir adiante e superar as adversidades.

– Na minha adolescência e juventude, as possibilidades para estudar eram muito limitadas, somente na sede do município escolas particulares ofereciam opções além do primário. No entanto, meu desejo de estudar era maior que as limitações – ressalta.

Em 1971, ingressou no curso técnico em contabilidade do Colégio dos Irmãos da Sagrada Família, no qual se formou três anos depois. Passou a enfrentar o desafio de sair de casa e residir em um “chatô”, uma casa alugada onde moravam estudantes do interior e trabalhadores urbanos. Perseverou para pagar os estudos, o aluguel e a alimentação.

O primeiro trabalho na área foi nos escritórios de contabilidade de Nor-

berto Kohler e Gilberto Henkes. Foi quando começou a adquirir experiência e pegar apreço pelo negócio. Em abril de 1974, obteve o registro no Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina (CRCSC), como técnico em contabilidade. Era a chave para um salto maior.

Foi contratado em março de 1974 para assumir a contabilidade da empresa Comercial Marasca no ramo de Comércio e Transportes. Porém, tinha o sonho de trabalhar operacionalmente como contador em escritório, em um modelo romântico da profissão. No ano seguinte, aceitou oferta de trabalhar no escritório do profissional Roberto Francisco Berwanger. Mais uma vez, pôde voltar a pensar como um time.

– Foi uma experiência proveitosa, fui convidado a auxiliar na organização, planejamento e administração dos trabalhos da equipe.

Paralelo à experiência contábil, exercia outras atividades. Atuou como professor na Fundação Educacional de Itapiranga (Funei), nas disciplinas de Mecanografia e Contabilidade Comercial. Já na sociedade, esteve envolvido em várias organizações. Foi sócio fundador do Rotary Club local, no qual exerceu cargos de presidente, tesoureiro e secretário.

Já em 1983, pôde realizar mais um grande objetivo: adquiriu um escritório de contabilidade no distrito de Iporã, município de Mondaí. Começou o empreendimento ao lado de um office boy e uma secretária.

O início de um sonho, certo? Mas junto com isso, vieram mais desafios, a começar pela logística. Iporã ficava a 24 quilômetros da “cidade”, separada por uma estrada de chão em condições precárias. Esse cenário dificultava questões operacionais junto a órgãos, como Coletoria, Prefeitura, Delegacia, Caixa Econômica Federal, entre outros. Para complicar, a comunidade contava apenas com um posto telefônico.

– O começo me colocou muitos desafios, não foi fácil. Um funcionário do escritório se deslocava, de ônibus, até a sede três vezes por semana. Lá, com uma bicicleta realizava os trabalhos, voltando novamente no final do dia – explica.

Embora todas essas questões, Canísio enxergava Iporã como um local com futuro promissor. O distrito, aliás, buscava a emancipação política admi-

nistrativa. E como profissional da contabilidade se envolveu ativamente para concretizar esse objetivo dos moradores. Em novembro de 84, foi um dos escolhidos para participar da comissão pró-emancipacionista com o objetivo de planejar, organizar, firmar contatos e trabalhar.

Após seis anos de tratativas, a comunidade local conseguiu concretizar a meta. O distrito passou a ser chamado de Iporã do Oeste, com o registro de município número 200 de Santa Catarina.

– Tive a honra de participar desta comissão. Participei de todos os atos da comissão, foi de minha responsabilidade realizar o controle financeiro e os registros diversos desta luta histórica. Guardo isso com muita gratidão e alegria na minha memória – valoriza.

Canísio continuou ativo para o, agora, município. Participou de várias associações comunitárias, esportivas e grupos locais. Era como um conselheiro social para Iporã do Oeste. Junto com o crescimento da cidade, também viu suas expectativas evoluírem profissionalmente.

– A visão de um município próspero, o aumento da demanda, o desenvolvimento social e econômico, e o aumento da concorrência me fizeram ver que era necessário ampliar, usar a tecnologia a favor do escritório, modernizar e, especialmente, qualificar a equipe dos colaboradores.

Para ver o crescimento do próprio escritório, Canísio precisou inovar e ousar. Como um incentivador do trabalho de equipe, elaborou um projeto para que todos os colaboradores da época se tornassem sócios da empresa. Assim, dividiu parte do capital da companhia entre os colaboradores.

– Todos, a partir de então, começaram fazer parte da empresa, com recebimento de Pró-Labore e divisão das sobras. No decorrer do tempo e por necessidade, houve alterações. Tenho que reconhecer que o projeto, ousado, diga-se de passagem, logrou êxito.

Passou a apostar na valorização profissional, com o bem-estar do colaborador. Com esses conceitos, formou uma equipe sólida e de baixa rotatividade. Além disso, incentivava cada um a se integrar socialmente à comunidade.

– Minha vida foi pautada pelo critério da participação. Constantemente, estimei os colaboradores a se integrar socialmente e, de certa forma, se tornou um critério, de que todos tivessem atuação ou que fossem integrantes comunitários. Sempre prezei pela participação em eventos comunitários e profissionais. A experiência e o conhecimento profissional renderam frutos e o reconhecimento da sociedade – explica.

Plenamente realizado pela profissão, Canísio tem orgulho da trajetória ao longo da vida, ao lado da esposa Maria Madalena Flach Muller, com os filhos, Carla e Cléverson Luis. Desde sempre como profissional da contabilidade, se integrou, ajudou uma comunidade inteira e formou profissionais. Afinal, como ele mesmo prega, “nenhum homem é uma ilha”. Em equipe, todos saem ganhando.

– Com 49 anos de profissão, vejo o quanto mudou o sistema. Hoje, o profissional de contabilidade passou de mero preenchedor de guias e apuração de impostos, a um orientador e consultor. É muito bom participar do nascimento de novos negócios, poder contribuir de maneira direta e indireta pelo crescimento da economia da empresa e da comunidade em geral – finaliza.

SORTE? OU OPORTUNIDADE E PREPARO?



CARLOS ROBERTO VICTORINO
— Empresário Contábil - Blumenau/SC

Trabalhar, ganhar dinheiro, prosperar. Ações básicas da economia que transcendem séculos, civilizações e sociedades. É mais antigo que Cristo. É intuitivo. Mas, se não houvesse regras, será que essa intuição sem compromisso se tornaria possível? E na economia? Como fazer de uma junção de moedas a construção sólida de um patrimônio?

“O contador assemelha-se à atuação de um árbitro de futebol. O contador registra as informações, analisa, interpreta e toma decisões.”

- O contador assemelha-se a atuação de um árbitro de futebol. O que faz o árbitro? É o responsável por fazer cumprir as regras, o regulamento e o espírito do jogo ou desporto. E o Contador? Ele registra as informações, analisa, interpreta e toma decisões e esse sempre foi o norte da minha atuação profissional.

O discurso poderoso vem do Contador Carlos Roberto Victorino, natural de Blumenau, Santa Catarina, que começou como office-boy, aos 15 anos na empresa Cetil Processamento de Dados. Dois anos depois, em 1977, já concluído o curso de técnico em con-

tabilidade, foi promovido a auxiliar contábil. A empresa era pioneira em informática na época. Pioneirismo e informática formaram um casamento perfeito na carreira de Victorino. Em 1981, aos 21 anos, assume o cargo de contador na empresa.

- Com os conhecimentos do sistema de contabilidade do Cetil e da ciência contábil, trabalhei por quatro anos como analista de informações, e fui responsável pela implantação e definição de sistemas contábeis em diversas empresas multinacionais. Exerci também o cargo de Gerente Contábil do grupo Cetil por mais dois anos - recorda.

Em 1982, ingressou no curso de Ciências Contábeis na Universidade Regional de Blumenau. Este foi um ano especial para Carlos: ingressou na universidade, casou com Lucia Helena, tiveram a primeira filha Nicolle e iniciou sua primeira empresa de contabilidade.

O pontapé inicial foi tímido, como tudo na vida. Ninguém sabia onde aquele projeto poderia parar. Mas Victorino persistiu. A sala era na garagem de um dos sócios, com expediente em horários alternativos noturnos e finais de semana. Uma escrivaninha, cadeiras, uma máquina de somar e uma de escrever. E mais nada. Só, é claro, a vontade de fazer dar certo. E deu certo.

Os clientes começaram a ser conquistados e a se multiplicar. Surgiu então a necessidade de contratar funcionários. Trabalhar à noite e finais de semana já não era suficiente, era necessária a dedicação em tempo integral. O espaço? Também passou a ficar pequeno. De 5m² para 40m². Depois, 100m², 300m² até os 400m² de hoje... Um crescimento que foi se construindo centímetro a centímetro. Já a sua satisfação fica difícil de mensurar.

- Até então, o modelo de contabilidade no Brasil era muito arcaico. O contador era visto como um mero despachante de documentos e apurador de impostos. Quando iniciamos nossa empresa, foi pensando justamente em quebrar esse paradigma, mudando o modelo para atuar com uma gestão eficaz e enfatizada.

O primeiro grande investimento da Victon foi a aquisição de um equipamento chamado Digirede (o servidor de dados atual), que inovou a forma de processar as informações e a transmissão dos arquivos via "tele-processa-

mento". O segundo foi a aquisição de um sistema em rede - Rede Novel, para compartilhamento de arquivos, instalação de roteador e de um servidor dedicado. E por último, a instalação de equipamentos necessários para que cada profissional pudesse executar suas tarefas.

Todas as etapas planejadas por Victorino, visavam absorver a demanda do mercado, carente de inovações. Essas decisões se mostraram acertadas a partir do momento em que a dedicação dos sócios passou a ser em tempo integral na empresa, havendo, portanto a necessidade da contratação de mais funcionários e ampliação do espaço físico.

Aos poucos cada sócio foi buscando seu próprio caminho, abrindo suas próprias empresas e Carlos não teve dúvidas, continuou a sua empresa com sua esposa Lucia.

- Toda conquista pessoal e profissional, deve-se ao preparo para exercer essa profissão. É o que me fez ser o que sou hoje.

Carlos Roberto Victorino foi um dos batalhadores pela implantação dos sistemas de informática na gestão contábil. Isso porque Victorino sempre se destacou por dar relevância à tecnologia na contabilidade.

“Para Carlos, sorte existe. Mas é preciso estar atento, pois a oportunidade e o preparo são aliados da sorte. Portanto, é preciso estar no lugar certo na hora certa.”

Durante 25 anos, Victorino atuou em diferentes entidades da classe contábil exercendo cargos como: Vice-presidente de Fiscalização do Conselho Regional de Contabilidade de SC por duas gestões; Presidente do Sescon Blumenau, também por duas gestões, destacando-se por dar visibilidade a entidade em nível municipal, estadual e nacional. O destaque a nível nacional veio com a filiação do mesmo a Fenacon-Federação Nacional das Empresas de Serviços Contábeis e das Empresas de Assessoramento, Perícias, Informações

e Pesquisas.; Diretor de Eventos da Fenacon (Brasília-DF) por três gestões. No período em que foi Diretor de Eventos da Fenacon coordenou seis CONES-CAPs, a Convenção Nacional das Empresas de Contabilidade e das Empresas de Assessoramento, Perícias, Informações e Pesquisas, convenções estas que

reuniram profissionais contábeis de todo o Brasil.; Diretor de Tecnologia do Instituto Fenacon (Brasília-DF). Foi responsável pela implantação e comercialização da Certificação Digital.

Victorino foi também professor dos cursos de Pós-Graduação em diversas universidades de Santa Catarina na disciplina de Gestão, Qualidade e Marketing nas Empresas de Serviços Contábeis.

É palestrante e escritor com publicações nas áreas de Gestão, Qualidade e Marketing nas Empresas de Serviços Contábeis (1999); Gestão, Qualidade e Marketing em Empresas de Serviços (2006); Auditoria dos Controles Internos nas Empresas de Serviços Contábeis (2013); Guarda e Manutenção de Documentos Fiscais (2007) atualizado anualmente em formato digital; Cartilha de Benefícios e Aplicações da Certificação Digital (2012).

Para Carlos, Sorte existe. Mas é preciso estar atento, pois a oportunidade e o preparo são aliados da sorte. Portanto é preciso estar no lugar certo na hora certa. Sorte é atitude.

Victorino não pára. Principalmente no tempo. As inovações seguem. Afinal as regras mudam, os contadores precisam se reinventar e os clientes serão os beneficiados.

É exatamente essa reinvenção que o acompanha nos seus 40 anos dedicados a profissão e a Victon Gestão Contábil, onde é o sócio majoritário.

PELOS MUNICÍPIOS



ELÁDIO TAMBOSI

— Professor - Rio do Sul/SC

“Eu fiz da minha vida um estudar. Em vez de ler uma revista, eu lia um livro. Li a vida inteira. Não só nesta época como sempre. Estudei muito. E me dei bem.”

A dedicação ao municipalismo é a grande marca do contador Eládio Tambosi. Ainda jovem, assumiu a Secretaria da Fazenda da pequena cidade de Taió e, por nove anos, viveu as dificuldades de responder pelas contas de uma cidade em uma época em que a comunicação era difícil. Por isso, dedicou a carreira a auxiliar outras prefeituras, atuando na Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí (Amavi) e dando palestras pelo Brasil.

A carreira de Eládio começou cedo. Ainda adolescente, na década de 1960, trabalhava em uma gráfica em Taió. Diante das poucas opções de qualificação na época, aos 16 anos decidiu se mudar para Rio do Sul para fazer o curso de técnico em contabilidade no Colégio Dom Bosco.

– Curso técnico, na época, só tinha de contabilidade. E eu também trabalhava em um lugar onde meu patrão era contador. Não era formado, era um contador prático, tinha um escritório de contabilidade, e isso me empurrou para o

técnico – conta.

Em Rio do Sul, trabalhou durante o dia em outra gráfica, enquanto estudava à noite. Formou-se no técnico e voltou para Taió, onde assumiu, em 1968, um cargo de inspetor escolar e auxiliar de contabilidade na prefeitura.

Logo no início da trajetória, chamou a atenção do então prefeito em um episódio que definiu como seria sua atuação no município. Por não concordar com o balanço do exercício de 1967, elaborou um novo balanço e encaminhou para análise do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (Ibam), entidade que prestava assessoria aos municípios associados.

– Mandei dois balanços para o Ibam. Para minha sorte, meu balanço veio sem nenhum retoque, e o que eu estava contestando veio com alguns retoques, o que levou o prefeito a, contra minha vontade, pois eu não me considerava capaz ainda de assumir, me colocar como responsável pela contabilidade da prefeitura – conta.

“Só tem uma coisa que, com certeza, faz bem para qualquer um: a educação.”

Não adiantou argumentar com o prefeito, dizer que ainda não estava pronto. O chefe do Executivo da cidade era rígido, e não admitia erros em um balanço. E foi então que, com apenas 18 anos – e cinco meses como servidor –, assumia a responsabilidade de cuidar das contas do município.

Até 1976, Eládio cuidou das finanças da cidade, assumindo inclusive a Secretaria da Fazenda. E nesses nove anos, sentiria de perto as dificuldades dos profissionais da contabilidade de cidades pequenas, em uma época em que não havia as facilidades de hoje em dia.

– Era muito precário – conta Eládio. – Era um telefone de manivela, tocava uma sineta numa central telefônica, uma telefonista atendia e você dizia que queria falar com Florianópolis e dava o número. Você recebia a ligação dois ou três dias depois, quando a telefonista conseguia – recorda.

Nesse cenário de dificuldades, era preciso inovar nos processos. Adotou medidas como mudanças na apresentação do orçamento, o que agilizou o ser-

viço. A iniciativa foi repassada aos profissionais da contabilidade dos 28 municípios associados à Amavi, que começaram a seguir o exemplo.

E além desse trabalho intenso, Eládio atuava na Secretaria da Educação. Ele foi responsável pelo antigo programa do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), que zerou o analfabetismo entre os interessados na cidade. Relata que sempre foi estudioso e, por isso, atuava em prol do ensino.

– Eu fiz da minha vida um estudar. Em vez de ler uma revista, eu lia um livro. Li a vida inteira. Não só nesta época como sempre. Estudei muito. E me dei bem – conta. – Nasci no meio do mato. Se não fosse o estudo, eu estaria no rabo de um microtrator – acrescenta.

Em 1975, devido à atuação destacada em Taió, Eládio foi convidado para ser secretário executivo da Amavi. Por dois anos, conciliou o trabalho na prefeitura com o da entidade.

Depois, passou a se dedicar integralmente à associação, onde ficou por 32 anos, até se aposentar. As dificuldades enfrentadas na pequena cidade onde começou a carreira motivaram Eládio a palestrar e conduzir cursos por todo o país, sempre com o objetivo de levar conhecimento aos profissionais da contabilidade de outros municípios.

– Fui palestrante em diversos Estados brasileiros – conta. – Nunca cobrei por uma palestra. Sempre palestrei de graça, em diversos Estados, como Maranhão e Bahia. Eu cooperava com o municipalismo sempre que me pediam – acrescenta.

Além da vontade de ensinar e ajudar pequenos municípios, Eládio tinha também muita sede de aprender. Por isso, ao final da década de 1970, ingressou no curso de Administração de Empresas do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (Unidavi), na época chamada Fedavi. Obteve o diploma em 1980.

Depois da graduação, especializou-se em Contabilidade Pública e Administração Pública no Brasil, e em Desenvolvimento Regional em Porto (Portugal). E como sempre gostou de compartilhar o conhecimento, lecionou Contabilidade e Orçamento Público na Unidavi por 22 anos.

– Só tem uma coisa que, com certeza, faz bem para qualquer um: a edu-

cação – sentença.

Eládio faz questão de citar os nomes de pessoas com quem aprendeu ao longo da trajetória: o ex-prefeito de Taió e ex-presidente da Assembleia Legislativa e do Tribunal de Contas de Santa Catarina Moacir Bertoli, os técnicos do TCE de Santa Catarina Inácio Queiros e João Luiz Gatringer, o secretário executivo da Associação de Municípios da Grande Florianópolis (Granfpolis) Miguel Augusto Forbeck Faraco e os advogados e professores da Unidavi Flávio Colaço e Alcides Claudino dos Santos.

Assim como, certamente, muitos profissionais da contabilidade de várias partes do país já aprenderam com ele.

MELHOR PROFISSÃO DO MUNDO



ELI OLIVEIRA DE SOUZA
— Perito e Professor - Tubarão/SC

“A história da contabilidade se confunde com a história de Eli Oliveira.”

A história da contabilidade se confunde com a história dele. Eli Oliveira de Souza, 70 anos, sempre se sentiu atraído pela profissão contábil. Natural de Tubarão (SC), desde que iniciou na carreira, por meio de um curso técnico, em 1968, não parou mais. E não apenas seguiu se aprimorando na área, emendando cursos e especializações, como transmitiu todo esse conhecimento como professor. Isso sem falar nas importantes participações em sindicatos e instituições em todo o Brasil.

Não é à toa, que Souza se gaba de ter começado junto com as primeiras técnicas da profissão, acompanhando suas alterações ao longo dos anos e a evolução tecnológica. No final da década de 1960, testemunhou as entregas em manuscrito. O primeiro escritório em que trabalhou completou 70 anos no último mês de maio. Mas esse era apenas o primeiro passo de uma carreira de vários vieses.

– Depois que entrei para a contabilidade,

não houve outra coisa que me atraísse mais. Me realizei por meio dela. Tudo o que conheço foi por conta da contabilidade. É o que gosto e o que sei fazer. A melhor profissão do mundo – orgulha-se.

Em 1982, Souza completou a graduação em Ciências Contábeis pela Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina (Fessc), hoje Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Foi o início de inúmeros cursos que estavam por vir, como as especializações em Contabilidade, em 1983; e Economia Empresarial, em 1990; o mestrado em Gestão de Negócios pela Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales da Argentina (UCES/AR), 1998; e o doutorado em Ciências Empresariais pela Universidad del Museo Social Argentino (UMSA/AR), 2007.

Já a carreira na área começou no escritório de terceiros quando ainda dava os primeiros passos no curso técnico. Com a conclusão das aulas, passou por algumas empresas e teve escritório próprio na década de 1970, antes de iniciar o trabalho como docente. Ao longo da trajetória, atuou como técnico em contabilidade, consultor e perito contador. Atendeu os mais diversos clientes, muitas vezes, em parceria com profissionais da área jurídica, administrativa e econômica – e lembra que a contabilidade é importante para todos.

– Toda vida fui avesso a quem não gosta de trabalhar ou a quem trabalha praticando atos incorretos. Gostar de trabalhar e trabalhar de forma ética é o que me faz bem. Prefiro ficar com o correto – sentencia.

Todo esse comprometimento pode ser visto na participação do contador em grandes instituições e conselhos. Integra o Sindicato dos Contabilistas de Tubarão e Região desde sua fundação, em 1975, participando da diretoria em diversas gestões, duas delas na condição de presidente; e soma diferentes cargos e funções junto ao Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina (CRCSC) desde 1994. Acumula, ainda, passagens pelo Conselho Consultivo da Fundação Brasileira de Contabilidade (FBC); na Federação dos Contabilistas do Estado de Santa Catarina (Fecontesc), eleito para mais uma gestão; no Sindicato dos Contabilistas de Tubarão, como integrante da diretoria da entidade; e no Sindicato das Empresas de Serviços Contábeis, Assessoramento, Perícias, Informações e Pesquisas no Estado de Santa Catarina (Sescon/SC), como diretor

regional. É membro (fundador) e atual presidente da Academia Catarinense de Ciências Contábeis e Associado do Lions Clube Tubarão Sul.

Inquieto, utilizou do conhecimento para se dedicar à área docente, carreira que perdurou por 26 anos e foi iniciada na década de 1980 na Fessc-Uni-sul. Atuou em diferentes frentes, de gerente financeiro e técnico do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento a professor nas áreas de contabilidade, economia e administração. Passou também por outras instituições – a Fundação Educacional Barriga Verde (Orleans/SC), a Universidade do Vale do Itajaí (Univali), no Campus Biguaçu; e a Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), na cidade de Criciúma-SC – e, após 15 anos do fim desse ciclo, lembra com carinho de toda a correria para dar conta das funções.

“Depois que entrei para a contabilidade, não houve outra coisa que me atraísse mais. Tudo o que conheço foi por conta da contabilidade. É o que gosto e o que sei fazer. A melhor profissão do mundo.”

– Mesmo cansado, gostava de lecionar. Era do Conselho de Contabilidade, dava aula, palestras e ainda achava tempo para perícias. Faria tudo de novo.

Dos manuscritos do começo da carreira, Souza viu a contabilidade passar para o sistema maquinizado, a guinada com a aprovação da Lei nº 6.404 em 1976, assim como as alterações com as Normas Internacionais de Contabilidade nos anos 2000 e a revolução digital. Acompanhar de perto todas essas mudanças lhe dá propriedade para dizer: a profissão se torna, ao contrário do que muitos pensam, cada vez mais indispensável.

– A atualização digital não inviabiliza a participação do contador. Foram eventos que promoveram modificações, mas só mudou a forma de atuação. O contador é cada vez mais necessário – avalia. E para quem está começando na área, ele é taxativo: – A Universidade dá a orientação inicial, mas é preciso continuar estudando sempre. A legislação passa por constantes alterações, causando modificações ou multiplicações nas obrigações a serem cumpridas pelas

peças jurídicas e/ou físicas, exigindo atualização permanente por parte do profissional.

Hoje, Souza se dedica especialmente à perícia voltada à parte bancária, previdenciária e tributária. Após longos períodos longe, em que morou em cidades como São Paulo e Florianópolis, ele está de volta a Tubarão. Mas não pense que a inquietação para por aí. O contador adianta alguns dos próximos passos: continua na diretoria da Federação dos Contabilistas do Estado de Santa Catarina (Fecontesc), e sempre que necessário estará representando o Sindicato dos Contabilistas de Tubarão e Região..

O que a tecnologia e o futuro trarão de novidades para a contabilidade não se sabe, mas uma coisa é certa: Souza continuará, independentemente da área, dedicando-se a sua vocação.

UNIÃO E VALORIZAÇÃO



EMIR LIBERO ISOTON (*IN MEMORIAM*)
— Empresário Contábil - Lages/SC

O conhecimento precisa ser transmitido, e não guardado. Esta foi a grande lição deixada pelo contador Emir Libero Isoton. Os ideais de união da categoria e valorização do estudo são reflexo da superação para buscar o aprendizado. Assim ele empreendeu, atuou em prol de sua classe e deixou seu legado.

“O conhecimento precisa ser transmitido, e não guardado. Esta foi a grande lição deixada pelo contador Emir Libero Isoton.”

Nascido na zona rural de Marcelino Ramos, no Norte gaúcho, Emir conciliava os estudos com a lida na fazenda. Quando criança, ele e os irmãos acordavam às 4h30 para ordenhar as vacas, cuidar de outros animais e cavalgar 10 km para levar o leite à área central do município. Depois, amarravam os animais e iam à aula.

– Ele costumava dizer que tinha sido uma infância sofrida, era uma época muito diferente da nossa. Muitas vezes, passava uma semana inteira comendo polenta e bebendo leite, coisas desse tipo. Como ele era um dos filhos mais velhos e meu avô era muito rígido, acredito que não tenha sido muito fácil – conta Silvia Isoton, a primeira das duas

filhas e um filho.

O patriarca era duro, sim, mas sabia da importância dos estudos para que os filhos tivessem uma vida melhor, e estimulou todos a buscarem aprendizado. Não era simples. Emir foi seminarista no Santuário de Nossa Senhora da Salete e, depois, já em 1971, concluiu o curso técnico em contabilidade. Era uma das poucas opções que tinha para deixar o campo em busca de uma vida melhor.

No ano seguinte, partiu para Vacaria, uma cidade maior no Norte gaúcho. Lá, trabalhou como auxiliar de escritório em uma madeireira, e se casou com Iris Teresinha. Foram seis anos até a decisiva mudança.

– Ele veio para Lages em 1977, para trabalhar numa outra madeireira, uma empresa muito grande na época, tinha filiais até no Norte do país. Na época, eles ofereceram duas vagas, a de Lages e a do Norte. Não quis a do Norte, pois ficaria longe dos familiares. Foi assim que ele se mudou para Santa Catarina, pela oportunidade – afirma Silvia.

“Ele sempre dizia que a única coisa que podia dar a nós, que realmente tinha valor, era o estudo. Não se preocupava em deixar bens materiais, mas os estudos abririam todas as portas que a gente precisasse”, recorda a filha Silvia Isoton.”

Estável no emprego, foi buscar conhecimento acadêmico e, em 1983, tornou-se bacharel em Ciências Contábeis pela Facec/Uniplac. No ano seguinte, especializou-se em Contabilidade pela Capes/Acafe. Também no começo da década, transferiu-se para outra madeireira.

As coisas corriam bem na família Isoton. Graças ao salário-educação, Emir pôde matricular os filhos em uma das melhores escolas de Lages. E assim seguia os ensinamentos do pai sobre a importância de aprender.

– Ele sempre dizia que a única coisa que podia dar a nós, que realmente tinha valor, era o estudo. Não se preocupava em deixar bens materiais, mas os estudos abririam todas as portas que a gente precisasse – recorda a filha.

Em 1984, começou a trabalhar como contador na madeireira. E a paixão pelo novo ramo acabou transferida para Silvia. Em 1988, ela ia junto com o pai ao trabalho, e ajudava a digitar os lançamentos usando uma moderna – para a época – máquina de datilografia.

No começo dos anos 1990, Emir se formou em Direito e abriu o próprio escritório de contabilidade. A filha, que já havia concluído o curso técnico em contabilidade junto com o ensino médio, nesta época ingressava no bacharelado de Ciências Contábeis. Contagiada pela paixão do pai, seria sua grande parceira.

– O pai tinha muito orgulho de saber que tinha uma sequência do que ele estava fazendo. Quando fui fazer faculdade, era uma coisa mais madura pra mim, mas na época do segundo grau, foi uma decisão mais dele – conta.

O contador também participou da política de Lages. Admirador de Leonel Brizola, foi candidato a prefeito pelo PDT na eleição de 1988. Tinha poucas chances, e o objetivo era marcar posição e divulgar os ideais do partido.

Desde então, começou a se envolver com prestação de contas de campanhas. Na eleição de 1992, entretanto, o PDT venceu com Fernando Coruja, e Emir foi o secretário de Finanças do município, entre 1993 e 1997.

– Ele foi o coordenador da campanha do Coruja, então acredito que esse convite para a secretaria tenha saído daí – cogita a filha.

Além da experiência na política, atuou ainda em prol da classe contábil, participando, por muitos anos, da diretoria do Sindicont Serra, sindicato que representa os contadores da região. Entre 2010 e 2012, respondeu pela presidência da entidade.

Também integrou o Conselho Municipal de Contribuintes e o Conselho Fiscal da Uniplac, além de atuar na organização da Convenção dos Contabilistas de Santa Catarina – Contesc, em Lages. Silvia acredita que o envolvimento do pai, tanto na política como nas entidades de classe, é um exemplo da preocupação em contribuir com a sociedade.

– O pai sempre teve bem forte essa questão de ajudar, dizia que não

devemos guardar conhecimento, e sempre fez questão de trabalhar pelo fortalecimento, ou da classe contábil ou da sociedade mesmo, nessa visão política. Como família, percebíamos a intenção de realmente ajudar – conta.

Emir descansou em 2016, mas seu legado continua vivo. Perto de completar três décadas, a Isoton Contabilidade segue aberta no Centro de Lages. E as lições de vida que seu fundador deixou para a filha Silvia ainda refletem na administração do empreendimento.

São ensinamentos que vão além dos números. Emir demonstrava a importância de se preocupar não apenas com os clientes, mas também com os próprios funcionários, que sempre incentivava a buscarem os estudos.

– Essa questão humana, de relacionamentos interpessoais, o pai tinha isso e eu também sigo essa linha. Antes de uma empresa, somos amigos. Tanto na relação com os funcionários como com os clientes e fornecedores, é muito forte essa questão da convivência, do respeito, do bem-estar – relata.

É como se, de alguma forma, ele continuasse transmitindo seu conhecimento.

QUANDO TUDO ERA MATO!



ERNI ASSENHEIMER

— Empresário Contábil - São Miguel do Oeste/SC

Quando alguém quer dizer que as coisas eram muito diferentes antigamente, normalmente se diz: “antes de eu chegar, isso aqui era tudo mato”. Ou seja, de acordo com a metáfora, a pessoa precisou desbravar o capim fechado para que novas formas de vida aparecessem. Erni Assenheimer fez exatamente isso. Mas não necessariamente da forma literal, com uma enxada na mão.

“O dom da escrita impecável abriu as portas para que Erni Assenheimer entrasse de vez no mundo da contabilidade.”

Erni até começou a vida na dureza da roça. Nascido em 1940, na Linha 32, interior do município de Ajuricaba, no Rio Grande do Sul, começou a trabalhar muito jovem para ajudar no sustento da família.

Família que sofreu um baque grande com o adeus do pai, que deixou a todos de forma surpreendente. Depois do abandono, uma tia questionou:

– O que vai ser do Erni? Vai virar engraxate!

Erni ouviu. E, mais do que isso, transformou essa declaração em motivação para a vida toda. Logo aos 13 anos, na cidade gaúcha de Ijuí, já tratou

de mostrar que o futuro não era desalentador. Conseguiu emprego como auxiliar de almoxarifado numa loja de peças de automóveis. Em pouco tempo, Erni chamou a atenção do chefe. E por causa de sua caligrafia perfeita.

Desta vez, pode-se dizer, portanto, que Deus escreveu certo nas linhas certas. O dom da escrita impecável abriu as portas para que Erni entrasse de vez no mundo da contabilidade. Promovido à função de Guarda-Livros, passou a ter acesso à literatura e a conhecer aos poucos o que seria a sua futura profissão. Depois, conseguiu um emprego em um escritório de contabilidade.

Mas Erni ainda iria precisar prestar serviço militar. E, de novo, por mais que o destino mostrasse apenas mato, Erni deu um jeito de abrir caminho para a sua vocação. O que o Exército teria a ver com a contabilidade? É que, neste período, ele se aproximou de Emyr Stringhini. Em uma das folgas do quartel, foi à terra do amigo, São Miguel do Oeste, em Santa Catarina.

Stringhini estudava numa escola técnica e trabalhava em um escritório de contabilidade em Ijuí. O pai de Stringhini, depois de conhecer Erni, sugeriu à dupla comprar um escritório em São Miguel do Oeste.

O dinheiro estava apertado, mas a vontade de, mais uma vez, transformar mato em terra fértil era muito maior que qualquer problema financeiro. Foi no extremo oeste catarinense que Erni começou sua empresa própria e concluiu o curso técnico. E também ali fincou raízes para constituir a sua família. Em 1962, casou-se com Edith Iria Balke, e da união nasceram Harriet, Carla Andréa, Adriano e Sheila Assenheimer.

Carla é quem toca hoje em dia o escritório juntamente com a irmã Sheila, sobretudo depois de novembro de 2017, quando Erni perdeu a visão. E ela se lembra bem do tempo em que cursava Direito em outra cidade, mas só ouvia do pai ao telefone um pedido em forma de pergunta:

– Todo domingo ele me ligava e dizia: “tu vais voltar, né?”.

Pois ela voltou, formou-se também em Contabilidade e agora se orgulha de ter um escritório predominantemente formado por mulheres.

– São as meninas do Erni – brinca.

Na verdade, o nome de Erni ecoa tanto pela cidade que até o escritório é conhecido ainda como o “escritório do Erni”, mais de 60 anos depois de sua

fundação e mesmo com várias nomenclaturas já recebidas. Reverência a quem praticamente deu o pontapé inicial para a profissão na região.

Os poucos profissionais da contabilidade que a região oferecia se empregavam nas empresas já existentes. Erni foi na direção oposta. Além de criar o seu escritório, incentivava os funcionários a fazerem o mesmo. Com a implantação da Universidade do Oeste Catarinense - Unoesc, também os estimulava a ingressar na faculdade de Ciências Contábeis.

– Os escritórios mais tradicionais da cidade foram criados por ex-funcionários nossos. Ele tem a coisa da liderança, de compartilhar conhecimento. Ele sempre dizia que, se você não compartilhar o conhecimento, ele morre contigo – recorda Carla.

“O dinheiro estava apertado, mas a vontade de transformar mato em terra fértil era muito maior que qualquer problema financeiro.”

Egoísmo nunca acompanhou a personalidade de Erni. Mesmo avesso as tecnologias, sabia de sua importância e sempre tratava de modernizar as estruturas do escritório para seus funcionários. E sabia também ir além dos muros da empresa. Colaborou com a Diretoria da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, na época em que estavam sendo construídas a casa paroquial e o atual templo.

Além disso, doou material para a construção do salão paroquial da Igreja Luterana e também para a construção da Igreja Católica. Da mesma forma, assumiu voluntariamente a contabilidade da Associação Rede Feminina de Combate ao Câncer, primeiramente no âmbito regional e que depois passou a atender somente as mulheres da cidade.

Esse desbravador também precisa descansar. Uma vez por ano era sagrado. Precisava do sossego de uma pescaria no Pantanal. Lá, o mato não era desafio, mas, sim, recompensa. Nada mal para quem um dia teve o futuro posto em dúvida. Agora, a história está escrita, com a caligrafia ímpar e o nome forte de Erni.

SUPERAR BARREIRAS



FLÁVIO DA CRUZ

— Professor - Florianópolis/SC

Uma história de reconhecimento, tanto nacional, quanto fora do Brasil. Atualmente, o contador Flávio da Cruz enche o peito para falar dos feitos da vida, assim como também se orgulha por ter ajudado tantos alunos. Mas para atingir tal patamar, teve de superar muitas barreiras na vida, desde a infância em Santo Amaro da Imperatriz, onde nasceu e foi criado.

“Enfrentei muitas barreiras. Quanto maior era o muro, mais eu me dedicava a transpor.”

O primeiro obstáculo foi ter que trabalhar para ter um direito básico: o de estudar. E já nessas primeiras experiências, mostrava afinidade ao lidar com dinheiro. Vendendo laranjas, percebeu que pagaria menos colhendo a fruta direto das árvores, em vez de comprar em cento na feira, e assim lucraria mais. Depois, engraxando sapatos, começou a usar papeletas para evitar sujar as calças dos clientes, e dava a última passada de pano em ritmo de samba, diferenciando-se dos concorrentes e agradando a freguesia.

– Enfrentei muitas barreiras. Quanto maior era o muro, mais eu me dedicava a transpor – co-

menta.

Aprovado na seleção para cursar o ginásio, começou a estudar à tarde. Com as manhãs livres, ingressou em uma padaria. A rotina era dura. Caminhava 16 km para distribuir pães, das 4h30 às 11h30.

Em 1965, tornou-se um dos primeiros alunos do recém-inaugurado curso técnico em contabilidade de Santo Amaro da Imperatriz. Para ajudar a bancar os estudos, distribuía carnês do curso técnico com uma cobrança de mensalidade voluntária. Sempre atento, sabia a hora certa de pedir a contribuição dos moradores. A vida continuava impondo dificuldades, mas Flávio as driblava.

“É um orgulho ter sido reconhecido no Brasil e no exterior na minha área técnica. Sair de onde eu saí e ter um reconhecimento nacional, ter batido recorde de livros vendidos na área de responsabilidade fiscal eram coisas inalcançáveis de pensar.”

Até que, em 1971, conquistou uma vaga no curso de Ciências Contábeis da UFSC. Mesmo sem ter no currículo regular do curso médio que frequentou todas as disciplinas exigidas.

– Para passar no vestibular, meu curso não tinha química e física. Tive que buscar por conta própria. Me socorri de um caderno de um irmão que fazia o curso científico – relata.

Mas a pior barreira que Flávio precisou enfrentar na vida foi o preconceito. Por ser negro, tudo parecia mais difícil. Chegou perto de conseguir o primeiro emprego em uma repartição pública, com 17 anos. Destacou-se na entrevista, mas ouviu a alegação de que era muito jovem. Porém, mais tarde, descobriu que isso não impediu outros menores de trabalharem lá.

Depois, em uma madeireira, surpreendeu-se ao descobrir que havia uma ficha de avaliação com mentiras sobre ele. Trocou o emprego por outro, em uma fábrica de móveis. Depois, lecionou Educação Física e Matemática em uma escola. E ao ser aprovado em um concurso público, sentiu na pele o racismo.

– Passei em um concurso público e quase não tomei posse. Pela cor da pele e por eu ter tirado foto em um lambe-lambe – contou.

Eram 20 vagas. Ele passou em 19º, mas não havia sido chamado. Inicialmente, não entendeu por que as convocações pararam antes que todas as vagas fossem ocupadas. Precisou arranjar um trabalho durante a madrugada para seguir na UFSC. Cansado dessa rotina, por vezes dormia no meio das aulas.

– Depois, me contaram a verdade. O pessoal achava que eu tinha sido detido e não queriam me nomear. Acharam que eu era algum marginal – revela. – Tranquilo, eu sabia lidar com isso. Minha família era de pessoas bem instruídas, com nível de educação muito forte – destaca.

Ainda na primeira metade dos anos 1970, Flávio lecionou à noite na Academia de Comércio Santa Catarina e na Escola Técnica de Comércio Senna Pereira. Em 1974, entrou para a Prefeitura de Balneário Camboriú e se formou. Nos anos seguintes, atuou na direção técnica de um escritório aberto para dar orientações na elaboração de orçamentos municipais. Depois, foi aprovado em concurso para contador do Ministério do Trabalho.

Flávio sonhava em dar aulas na UFSC. Para isso, se preparou com duas pós-graduações. Em 1982, após concorrer em concurso público com 17 participantes, acabou aprovado em primeiro lugar e foi nomeado na universidade. Mais tarde, passou a lecionar na ESAG/Udesc também. E nas salas de aula, mudou muitas vidas.

– Um grande orgulho é ter formado muita gente boa nas duas universidades. Tive a sorte de lecionar em duas universidades ao longo de 25 anos. Estive na Bélgica e encontrei um ex-aluno lá, isso não tem preço – conta.

O fim da década de 1980 foi marcado pela conclusão do mestrado e pela afinidade com o associativismo. Flávio participou da fundação do Clube dos Bacharéis em Ciências Contábeis, que reunia contadores e personalidades da classe, e mais tarde foi instituidor da Academia Catarinense de Ciências Contábeis, onde ocupa a cadeira número nove. Também ocupa uma cadeira na Academia Brasileira de Ciências Contábeis.

Mas não bastava defender a classe e não defender a cor. Por isso, criou o Projeto Semana Afro-Catarinense, e presidiu a Comissão Consultiva para o

Resgate da Cultura Negra, vinculado à Fundação Catarinense de Cultura. Em 1988, integrou a Comissão Comemorativa do Centenário da Abolição na UFSC e participou das publicações das cartilhas “As Leis da Abolição” e “África: Um Continente em Crise”. Sempre levantou a cabeça, mas jamais esqueceu as injustiças que sofreu.

– Como sou negro, passei por poucas e boas – comenta.

Em 1988, em meio às atividades sociais e ao luto pela perda do pai, concluiu sua primeira obra, “Contabilidade e Movimentação Patrimonial do Setor Público”. Desde então, publicar livros tornou-se uma constante. Foram dezenas, como autor e coautor, principalmente junto à Editora Atlas de São Paulo.

As obras repercutiram, e começaram a surgir convites para palestrar. Viajou por todo o país para compartilhar seu conhecimento, em uma rotina tão atribulada que chegou a desmaiar no aeroporto em Palmas. Tanto nos livros técnicos, quanto nas aulas e palestras, a questão das desigualdades raciais não foi confundida com a doutrina e as técnicas de finanças públicas envolvidas.

– É um orgulho ter sido reconhecido no Brasil e no exterior na minha área técnica. Sair de onde eu saí e ter um reconhecimento nacional, ter batido recorde de livros vendidos na área de responsabilidade fiscal são coisas inalcançáveis de pensar no tempo em que eu era jovem – destaca.

Nada mal para o menino que vendia laranjas e engraxava sapatos para poder cursar o primário. Com tantas barreiras superadas, provou a competência e ganhou notoriedade.

DETALHES QUE FAZEM A DIFERENÇA



ILSE MARIA BEUREN
— Professora - Florianópolis/SC

Era para ser apenas uma palestra no lugar onde tudo começou, a Universidade do Vale do Taquari (Univates). Na instituição de Lajeado, no Rio Grande do Sul, Ilse Maria Beuren fez longa carreira como professora e chefe de departamento de Ciências Contábeis, de 1982 a 1988. No entanto, foi bem mais do que um encontro para compartilhar conhecimento. Ilse acabou surpreendida.

Recebeu aplausos, reconhecimento e até um presente com pedras semipreciosas típicas da região. A homenagem pelos serviços prestados pode parecer um gesto singelo ou trivial, mas Ilse acredita que o detalhe faz toda a diferença.

– Os detalhes definem, no fundo, o que a gente é.

Ilse leva ao pé da letra os versos de Roberto Carlos na icônica canção “Detalhes”. Afinal, muitas vezes, detalhes “são coisas muito grandes para esquecer”. E havia um detalhe que estava faltando em sua vida.

“As empresas não sobrevivem sem informação contábil. Se não modernizarmos a área, não poderemos acompanhar o cotidiano das corporações.”

A Univates foi onde tudo começou, sim, mas em termos de vida acadêmica. Antes, Ilse trabalhou em diversas empresas, como a Souza Cruz, em que se dedicou a colocar em prática conhecimentos de controladoria. Só que um detalhe a perseguia.

– Eu trabalhava o dia inteiro e à noite eu me cobrava: mais um dia que se passa e eu não fiz pesquisa. Eu precisava de novas leituras, além da leitura técnica – conta. – Existem momentos na vida em que a gente tem que fazer o que tem. Em outros, a gente pode escolher.

Então, Ilse escolheu. Entrou de cabeça nos livros, na pesquisa, nas universidades. E ganhou a estrada. Depois dos anos de Univates, em Lajeado, ingressou na Universidade Federal de Santa Catarina como professora de Ciências Contábeis de 1989 a 2003. Em Blumenau, atuou como docente e foi coordenadora do Programa de Pós-graduação em Ciências Contábeis entre 2004 e 2012. Na Universidade Federal do Paraná, lecionou de 2012 a 2015.

Retornou para a Universidade Federal de Santa Catarina em abril de 2015 na condição de professora titular do Departamento de Ciências Contábeis. Foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Contabilidade em 2017 e reeleita até 2023. Gaúcha, fez de Florianópolis o seu reduto definitivo.

Boa parte do orgulho de Ilse, no entanto, não está discriminada em páginas e páginas de currículo. O que a realmente deixa empolgada está nas entrelinhas. Está, claro, nos detalhes que nem sempre a parte técnica da profissão consegue dar conta.

– Tenho uma disciplina na universidade em que eu sempre digo: é importante uma formação técnica, mas é importante buscar uma formação completa. Porque, lá na frente, vamos ocupar cargos e seremos demandados além da questão técnica. Eu tenho estimulado uma formação mais completa. Meu olhar é mais holístico, mas esse holístico é do todo para a parte. Porque o todo é feito de partes. Esses detalhes formam um todo mais coeso.

Transformar o conceito de contabilidade dentro da universidade é fundamental, mas Ilse quer mais. Entende que o reconhecimento dos pesquisadores de sua profissão acontece de forma mais complexa, demorada e não natural em comparação com outras áreas, como tecnologia e saúde.

– As empresas não sobrevivem sem informação contábil. Se não modernizarmos a área, não poderemos acompanhar o cotidiano das corporações – avalia. – Aos poucos, a gente consegue chegar a esse nível. É um dos motivos que me fazem estar inserida em órgãos em que eu possa contribuir para esse debate.

Desde 2003, Ilse é líder do Núcleo de Pesquisas em Controladoria e Sistemas de Controle Gerencial cadastrado na plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Inclusive, a entrevista se deu num dos poucos intervalos concedidos por ela diante da montanha de detalhes que precisava estar impecável para a organização das próximas bolsas de estudo do curso.

“O maior prêmio é ver os formandos no mercado de trabalho. A formação do indivíduo é muito com o olhar de futuro. Você não tem certeza de que está fazendo a coisa certa. E, depois, quando você vê o aluno bem colocado, você pensa: valeu.”

Mesmo com o tempo exíguo, o relógio parecia ter estragado, e no melhor dos sentidos. Foi quando Ilse começou a falar de um detalhe que, para ela, não é pequeno. A relação com os alunos. E o quanto cada vida pode ser modificada com o trabalho em sala de aula.

– Você acaba se aproximando dos alunos. Você conhece a vida deles, os desafios, o que eles precisam buscar. Esse é o maior desafio da gente. Fazer com que os alunos consigam seguir o seu próprio caminho – testemunha a contadora.

Ilse gosta mesmo de lidar com os alunos. Coleciona 204 orientações de mestrado concluídas. Cuida de cada uma como se fosse única. Seria reflexo de uma vocação escondida com o passar dos tempos?

Na adolescência, pensou em estudar e fazer carreira na biologia. Sempre teve um gosto especial pela natureza. Cuidar de um aluno, vê-lo começar do zero e crescer com as experiências até ganhar vida própria. Não deixa de ser

semelhante a um cultivo. Uma planta ou uma flor. Que começa como semente e termina aberta para o mundo.

– Os prêmios acadêmicos são muito importantes para mim, principalmente aqueles de reconhecimento de melhor avaliador. Mas vai além disso, porque estou contribuindo para a formação dos indivíduos. O maior prêmio é ver os formandos no mercado de trabalho. A formação do indivíduo é muito com o olhar de futuro. Você não tem certeza de que está fazendo a coisa certa. E, depois, quando você vê o aluno bem colocado, você pensa: valeu.

E, quando você chega na sua primeira universidade 20 anos depois, pronta para mais uma palestra e recebe uma homenagem? Sim, valeu. Cada detalhe valeu muito a pena.

ESPÍRITO DE COOPERATIVISMO



JOSÉ LOURIVAL KLEIN (*IN MEMORIAM*)
— Empresário Contábil - Joinville/SC

Fundador de renomado escritório de contabilidade em Joinville, José Lourival Klein deixou para a sociedade um grande exemplo de preocupação com o coletivo. Seja a própria família, incentivando e deixando a empresa como legado para as três filhas, seja a própria classe contábil de Santa Catarina, dirigindo, presidindo e até mesmo criando importantes entidades representativas.

A trajetória de Klein na contabilidade teve início entre o final dos anos 1960 e o começo dos 1970. Ele trabalhava no departamento pessoal de uma fábrica de móveis quando decidiu aprender sobre a área e aplicar esse conhecimento, como explica a filha primogênita Deise.

– Ele teve vontade de fazer o técnico em contabilidade e, aos poucos, começou os atendimentos a alguns clientes. Tinha um vizinho com bom relacionamento que o ajudou e, assim, ele passou a oferecer seus serviços de contabilidade, que fazia toda noite, e foi conquistando a credibilidade dos primei-

“A sala de Klein está intacta. Hoje, serve como “refúgio” das filhas Deise, Taísa e Sheila. Todas seguiram o exemplo do pai, e hoje cuidam de seu legado junto com os sócios. ”

ros clientes. No começo, eram poucos, e ele fazia de maneira bem caprichada – conta a mais velha das três filhas, com base nos relatos que ouvia do pai.

Avançando no negócio próprio, em 1973, fundou a Klein Contabilidade. Desde então, só cresceu. O resultado pode ser visto até hoje no Centro de Joinville. São quase cinco décadas prestando serviços.

O idealizador do empreendimento faleceu em janeiro de 2019, mas sua sala está intacta. Hoje, serve como “refúgio” de Deise e das irmãs, Taísa e Sheila. Todas seguiram o exemplo do pai, e hoje cuidam de seu legado junto com os sócios Adilson Bachtold e Adinor Bachtold.

– Ele ficou mais tranquilo sabendo que nós estamos aqui. E ficava muito contente de saber que, inclusive, os genros também trabalhavam aqui – conta Taísa.

“Para a empresa, ele sempre quis modernizar os processos, ainda que operacionalmente ele não participasse mais de muitas rotinas. Sempre achava que as novidades valiam a pena e estava sempre envolvido e dando apoio”

dele – recorda a filha Sheila.

Mas um longo caminho foi percorrido até que o escritório fundado por Klein se tornasse a referência que é hoje. E este trajeto se confunde com a história da própria contabilidade catarinense, graças à constante preocupação que o empreendedor tinha com a organização de sua categoria.

Já no início da trajetória, reunia colegas de profissão para conversar sobre mudanças na legislação na época, e começou a se envolver com o Sindicato dos Contabilistas da região (Sindicont Joinville). Era sua maneira de expressar o desejo de ajudar, não apenas clientes como – inclusive – outros colegas de profissão.

– Ele gostava de cuidar das coisas como um todo, e não só pensar na empresa

O empresário sempre será lembrado por idealizar, junto com colegas de

profissão, o que se tornaria o Sescon/SC, durante a Convenção dos Contabilistas de Santa Catarina - Contesc, no ano de 1984 em Joaçaba. Até então, a classe era representada no Estado pelo Sindicato do Comércio.

Taísa lembra que Klein levou o sócio Adilson às primeiras reuniões de entidades representativas. E mesmo hoje, na ausência de seu fundador, a empresa segue participando ativamente das atividades da categoria. E um dos legados de Klein foi a garantia de que isso jamais mudará.

– Ele sempre dizia que alguém da empresa tinha que estar ligado a essas áreas de associativismo. No dia em que o Adilson não estiver mais envolvido, algum de nós terá que estar – revela Taísa.

Foram mais de três décadas dedicadas à classe contábil catarinense. Neste período, foi presidente do Sindicont Joinville por nove anos, e atuou como delegado do CRCSC e perito da Justiça do Trabalho.

– Aqui em Joinville, não existia pós-graduação para empresas de serviços contábeis, então eles foram à Univille e conseguiram. O Klein não fez sozinho, mas estava sempre no meio do grupo, ele fez parte – conta Sheila. – Sempre foi muito aberto a novidades – descreve.

Em seu escritório, Klein também tinha grande preocupação com os avanços da tecnologia na contabilidade. Principalmente para alguém que começou a atuar no ramo durante a década de 1970, quando o trabalho era bem diferente. Guardava com carinho as lembranças do início da trajetória. Mas não deixava de aproveitar qualquer oportunidade de adequar seu escritório às novidades que iam surgindo.

– Para a empresa, ele sempre quis modernizar os processos, ainda que operacionalmente ele não participasse mais de muitas rotinas – conta Sheila. – Sempre achava que as novidades valiam a pena e estava sempre envolvido e dando apoio – acrescenta.

Além do profissional, as filhas lembram com carinho do lado humano de Klein. Sempre afável e disposto a ajudar, fazia questão de oferecer um café e mostrar todo o escritório para qualquer pessoa que entrasse lá, orgulhoso do

que construiu.

Se tinha um defeito, contam elas, era a teimosia. Obstinado, não costumava desistir. Uma história contada por Deise ilustra bem essa característica do pai.

– Precisávamos de um espaço para ampliar a empresa, e tínhamos salas que precisávamos alugar ou adquirir, e a pessoa não queria vender de jeito nenhum. Mas ele não se deu por vencido, foi a outra cidade, tomou um chá de cadeira e o dono das salas mandou ele embora. Mas ele voltou. O dono era investidor, e queria essas salas alugadas. Passou um tempo até que ele o venceu no cansaço – conta.

Seja obstinação ou teimosia, a característica certamente ajudou Klein a chegar aonde chegou e contribuir tanto com a classe contábil não apenas em Joinville, como também de toda a Santa Catarina.

REFERÊNCIA NA PROFISSÃO



JUAREZ DOMINGUES CARNEIRO
— Auditor - Florianópolis/SC

Conhecimento, ética e governança. Com base nessa tríade de conceitos, Juarez Domingues Carneiro, de 62 anos, trilhou seu caminho na contabilidade e virou referência para os demais. Uma estrada que foi pavimentada pela paixão pelo trabalho, mas também pela vontade constante de contribuir.

“A essência da profissão contábil é coletiva. Isso significa que é uma profissão na qual não cabe o individualismo. O objetivo é somar, agregar, tornar a sociedade melhor.”

Colaborar não somente pelo bem da sociedade e para os clientes/empresas com os quais trabalhou e cuidou com carinho, mas também em prol da própria profissão, assim como para aqueles que iniciam nela.

– A essência da profissão contábil é coletiva. Isso significa que é uma profissão na qual não cabe o individualismo. O objetivo é somar, agregar, tornar a sociedade melhor – enfatiza.

Para tornar a sociedade melhor, conforme argumenta, é preciso que cada um participe e dê a sua parcela de contribuição. Em 2013, Juarez

teve voz ativa, protagonizando o chamado “Ano da Contabilidade no Brasil”, considerado como um dos mais importantes para a profissão. Tratou-se de uma iniciativa sua como Presidente do Conselho Federal de Contabilidade que contou com o apoio da Fundação Brasileira de Contabilidade, Ibracon, Fenacon, Abracicon e várias outras entidades ligadas direta ou indiretamente à contabilidade.

O marco de lançamento ocorreu em sessão solene no Senado Federal, com objetivo de levar àquela casa a mensagem de valorização da profissão, demonstrando e comprovando a importância do profissional da Contabilidade para todos os segmentos da sociedade, mas que carecia de reconhecimento. Esse ato solene repetiu-se nas Assembleias Legislativas de vários Estados da Federação, inclusive, em alguns, contando com o Presidente da IFAC - Federação Internacional de Contadores.

– Eu me apaixono pelo potencial que temos para contribuir com a sociedade, e procurei fazer minha parte com responsabilidade e dedicação, muitas vezes abdicando tempo de minha vida profissional e pessoal.

Fizemos uma grande campanha, muito participativa e aderente, impulsionada por propagandas de rádio, jornal e televisão, com jingles, com inserções de vídeos em aviões, e outras ações voltadas para mostrar que o Profissional da Contabilidade é importante para a sociedade e em especial, para as organizações, que recebem informações claras, corretas e transparentes auxiliando no seu processo de tomada de decisão.

A constante evolução foi uma característica presente na carreira profissional. Afinal, Juarez Domingues se entregou aos estudos. Formado em Administração e Gerência pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) em 1981, graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1983, além de formação em Direito também pela UFSC, em 1990.

Juarez seguiu adiante, adquirindo conhecimento e relevância para a profissão. Em 1987, tornou-se especialista em Qualidade na Educação pela Penn State University, nos EUA. Buscou a pós-graduação em Organização e Métodos, pela UFSC em 1988 e se tornou mestre em Engenharia de Produção pela UFSC, em 2001.

Do outro lado do oceano Atlântico, tornou-se doutor em Contabilidade pela Universidade de Aveiro, em Portugal, em 2018. Atualmente, é doutorando em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC).

Tanto conhecimento o fez ter notoriedade na profissão contábil, além de um currículo invejável. Foi presidente do Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina - CRCSC (1999 a 2002), presidente do Conselho Federal de Contabilidade - CFC (2010-2013), vice-presidente da Fundação CPC (2010), presidente do Grupo Latino-americano de Emissores de Normas de Informação Financeira - GLENIF (2011-2013), presidente da Fundação Brasileira de Contabilidade - FBC (2014-2017) e presidente do Conselho Curador da Fundação Brasileira de Contabilidade - FBC (2018-2019). Atualmente é membro de grupos de trabalho do Ibracon, do CRCSC e do CFC, assim como tem cadeira em diversas Academias de Ciências Contábeis.

“Em 2013, Juarez teve voz ativa, protagonizando o chamado “Ano da Contabilidade no Brasil”, considerado como um dos mais importantes para a profissão.”

– O que mais me orgulha é ter sido presidente do Conselho Federal de Contabilidade. Foi uma grande honra, não só pelo fato de ser o primeiro catarinense, mas também por ter a condição de representar todos os profissionais do país. Presidir o Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina também foi outro grande orgulho, com a possibilidade de desenvolver um modelo de gestão participativa por projetos e de ter inaugurado a bela e funcional sede do CRCSC em 2001 – enfatiza.

Ainda foi o idealizador e primeiro presidente brasileiro do GLENIF (2011-2013). O grupo envolve 17 países da América Latina e é a voz do bloco junto ao International Accounting Standards Board - IASB.

– O GLENIF tornou-se, junto ao IASB, uma referência na atuação e na formação de grupo de trabalho, com relevantes serviços prestados à contabilidade da América Latina e do mundo – destaca Juarez.

A experiência do GLENIF, inclusive, inspirou sua tese de doutorado defendida em Portugal, que abordou o processo de adoção e convergência das International Financial Reporting Standards (IFRS) no âmbito da América Latina.

O profissional também sempre pensou no desenvolvimento da profissão. Para isso, deu atenção especial para a Educação Profissional Continuada. Ajudou a desenvolver e realizar 17 cursos de MBA - Gestão da Qualidade nos Serviços Contábeis, numa parceria entre o CRCSC e 17 Instituições de Ensino Superior do Estado, iniciativa que logo se difundiu nos demais Estados da federação.

A realização do MBA com mais de 500 participantes foi fundamental para que ele trouxesse para SC o primeiro mestrado em Contabilidade.

Numa parceria entre o CFC e o Sebrae, foi um dos artífices e Coordenador do Programa Contabilizando Sucesso, que revolucionou a gestão nas organizações contábeis e contribui para reduzir a mortalidade das empresas no Brasil. Foram quase 600 turmas formadas no Brasil, sendo 22 em Santa Catarina.

Em um universo que vive em mudanças a todo instante, Juarez usa a própria experiência como conselho para quem inicia na profissão: atualização constante. Acha que todo profissional da área deve estar conectado com as mudanças, deve acompanhar a evolução tecnológica, deve ler muito e aprofundar-se na Contabilidade com uma visão globalizada.

– A Contabilidade continua sendo uma profissão com boa relação de custo-benefício, com retorno profissional rápido. Mas exige muito trabalho e estudo. É importante ter ciência de que há um número enorme de legislações de todas as esferas que são criadas ou alteradas diariamente, que há aderência da Contabilidade com outras áreas de conhecimento, como o Direito e a Economia, que não há mais fronteiras e que o domínio de outras línguas e da tecnologia é indispensável – avisa.

E por falar em futuro. Na visão de Juarez, qual o caminho para a Contabilidade no Brasil?

– A Contabilidade tornou-se, indiscutivelmente, a linguagem universal dos negócios. O advento das IFRS e das International Public Sector Accounting Standards (IPSAS) tem permitido a comparabilidade da contabilidade das organizações de forma global. O Profissional da Contabilidade já não é mais de uma

região ou país. Ele é do mundo. Um mundo normativo, legal e tecnológico.

– O avanço tecnológico é visível e o profissional precisa apropriar-se e assumir a coordenação desse processo e não ser um refém da tecnologia. Deve estar à frente e fazer o bom uso dela – aconselha.

Se existe uma certeza, é a de que Juarez Domingues seguirá se especializando cada vez mais. Não somente por ele, mas por toda profissão e por tudo o que representa ser um profissional da Contabilidade.

DUAS VEZES IMORTAL



LINDOMAR ANTÔNIO FABRO (*IN MEMORIAM*)
— Professor - Florianópolis/SC

“Lindomar Fabro
marcaria época,
seria imortal para a
profissão.

Há pessoas que chegam para ficar marcadas para sempre. É o caso de Lindomar Antônio Fabro, contador e professor que conseguiu ficar imortalizado de formas distintas. Deixou um legado na profissão que será lembrado para sempre.

Filho de Lindomar, o advogado Felipe Lückmann Fabro fala com saudade do pai, ao mesmo tempo em que relata todo o orgulho da família. Sentimento que o faz sorrir ao lembrar de quando iam juntos aos jogos do Figueirense, assim como quando escuta elogios honrosos por profissionais da área de contabilidade.

– Profissional honrado, amigo leal, pai carinhoso que, apesar de muitas dificuldades, se fez exemplo para mim e para muitas pessoas – conta Felipe.

Mas antes de revelarmos como Lindomar se imortalizou, começaremos pelo início de uma linda história. Natural de Urussanga, pequeno município do sul catarinense, se transferiu com a família para Florianópolis, em 1961. Trabalhador desde cedo,

ajudava o avô a plantar frutas e verduras em um terreno localizado no bairro de Capoeiras. Aos 15 anos, trabalhou em uma farmácia. Em 1965, ingressou como office boy no Grupo Brasilpinho S/A, composto pelas empresas Madeireira Brasilpinho S/A, Empreendimentos Massiambu S/A, Reflorestadora Scherer Ltda., Madeireira Criciúma Ltda. e Kobrasol Empreendimentos Imobiliários Ltda. Permaneceria por 13 anos no grupo, pelo qual saiu como auditor interno da empresa, após ocupar as funções de auxiliar contábil e contador.

Paralelamente, jamais deixou os estudos de lado. Aluno e trabalhador dedicado, se apaixonou pelas salas de aula. Fez o Ginásio Normal Haroldo Callado, formou-se Técnico em Contabilidade pela Escola Técnica de Comércio Senna Pereira, bacharelou-se em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e concluiu a pós-graduação em nível de especialização em Contabilidade, também pela UFSC.

“Era um homem à frente do seu tempo, com obstinação para vencer, seguir o caminho do bem, construir uma família e com amor pela profissão, de não medir esforços”, diz a esposa Sônia.

Por falar em paixão, formou família com a esposa Sônia Lückmann Fabro, com quem teve Felipe e Gustavo – filho que faleceu prematuramente aos 37 anos. Ao lado do marido, foram 45 anos de união, marcada por amor, companheirismo e respeito mútuo.

– Era um homem à frente do seu tempo, com obstinação para vencer, seguir o caminho do bem, construir uma família e com amor pela profissão, de não medir esforços – relata Sônia.

A grande vocação de Lindomar ainda estava por surgir. Aprovado em concurso público para professor de Ciências Contábeis da UFSC em 1978, lecionou as disciplinas de Contabilidade I e II, Laboratório Contábil I, Contabilidade Comercial I e II e, ainda, Estrutura de Balanço para os cursos de Ciências Contábeis, Administração e Economia.

Mas como Sônia nos contou, o marido era muito à frente do tempo. Ao lado do professor Silvio Meyer, lutou pela criação e pela implantação do Núcleo de Estudos Contábeis na UFSC, em 1979. A disciplina tinha como diferencial a simulação de operações de uma empresa, com objetivo de que os alunos con-

vivessem com o cotidiano do exercício profissional na prática, o que era uma inovação e grande diferencial para a época.

– Ele queria mostrar a prática, tinha essa preocupação com os alunos. Assim, criou a primeira disciplina do país nessa linha – orgulha-se o filho.

– Lembro de como foi difícil para ele conseguir montar essa disciplina. Muita gente era contra. Ele teve que peitar e dizer “eu assumo”. Lindomar era professor, mas foi muito tempo contador. Tinha a prática aliada à academia e não media esforços na preparação das aulas. A perseverança e a obstinação o faziam ir além do que ele pretendia. Sempre buscava aprimorar o trabalho, não importava dia ou horário – completa a esposa.

A dedicação como professor era reconhecida pelos alunos. Foi inúmeras vezes homenageado, tendo sido patrono, paraninfo e nome de turma. Era tão presente que tinha o hábito de acompanhar a trajetória profissional de seus ex-alunos, assim como vibrava com as conquistas de cada pupilo.

Aposentou-se na UFSC como professor adjunto em 1995. Após sua aposentadoria, foi convidado a lecionar na Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) para os cursos de Ciências Contábeis, Administração e Negócios, Relações Internacionais e Engenharia de Produção. Também foi professor do Centro de Educação Superior-Única e Faculdades Barddal.

Imortal

Lindomar Fabro iria ainda mais longe, marcaria época, seria imortal para a profissão. Foi consultor credenciado do Ministério da Educação, tendo trabalhado para a autorização de funcionamento e o reconhecimento dos cursos de Ciências Contábeis de diversas universidades brasileiras.

O reconhecimento pelo trabalho foi tamanho, que se tornou patrono e primeiro ocupante da cadeira de número 34 da Academia Brasileira de Ciências Contábeis (Abracicon), que tem como objetivo a promoção, a divulgação e a valorização de atividades que contribuam para o desenvolvimento e o estímulo ao conhecimento filosófico, científico e tecnológico da Contabilidade.

Ainda foi membro fundador da Academia Catarinense de Ciências Contábeis e contribuiu para promover o desenvolvimento científico e cultural das

Ciências Contábeis no Estado de

Santa Catarina. Foi Conselheiro por 20 anos do CRC-SC, entre 1998 e 2017. Era um conciliador nato, sempre buscou construir pontes e derrubar muros, relata o filho.

– Daqui a 200 anos, alguém vai sentar na cadeira (da Abracicon) que foi do pai – exalta Felipe. – Ele é imortal duas vezes. Nacionalmente e também por Santa Catarina.

Apaixonado pelo trabalho, pela família, pelos alunos, pela comunidade e pela vida. Lindomar era presente, um tipo de pessoa solar. Em fevereiro de 2020, foi para o hospital com objetivo de fazer uma hidratação, mas sofreu uma infecção hospitalar e, aos 73 anos, repousou, para grande comoção do meio acadêmico.

Mas existem pessoas que chegam ao mundo para ficar. Lindomar Antônio Fabro foi uma delas. Seu legado e dedicação jamais serão esquecidos.

RAIZ CATARINENSE



LUIZ CARLOS GONÇALVES
— Empresário Contábil - Itajaí/SC

Aos 34 anos, Luiz Carlos Gonçalves recebeu um convite que talvez nove em cada dez profissionais sonham em ouvir. Sair do interior para trabalhar em uma metrópole como São Paulo. Mas Luiz Carlos integra o número um dessa estatística, o cara que disse não para a maior cidade da América Latina. E ele tem um bom motivo para isso.

“Luiz Carlos disse “não” a São Paulo por Itajaí. Deixou um invejável emprego para começar uma empresa com sete pessoas, em 1994. Hoje, são mais de 150 funcionários.”

– Eu não gostava de São Paulo. Muito movimento, muito agitado...

A resposta foi simples e direta. Porque Luiz Carlos Gonçalves assim o é. Um homem simples, que escolheu morar para sempre na terra onde nasceu. E direto, ao cultivar uma carreira retilínea e sem desvios dentro da área contábil.

– Trabalhei em uma empresa apenas e depois montei a minha própria – orgulha-se.

Mas não confunda ser simples com parecer

simplório. Ou ser direto com soar sem graça. Muito menos pense que Luiz Carlos é um homem acomodado. Ele fincou raízes no mesmo lugar, sim, mas, depois disso, soube crescer, sempre em frente.

O lugar em questão é Itajaí. Cidade tipicamente catarinense, com suas lindas praias – entre elas Molhes, Atalaia, Geremias, Cabeçudas, Morcego, Solidão, Praia Brava e Amores –, ampla área rural e belas paisagens naturais. Isso explica boa parte da predileção de Luiz Carlos por suas origens em detrimento da cinzenta e barulhenta São Paulo.

Só que Luiz Carlos não ficou só tomando o seu chopp cremoso preferido entre um camarão e outro à beira-mar. Começou a trabalhar cedo para ajudar a família em uma grande empresa de Itajaí em outras funções de apoio até chegar à área contábil dela. Foi contador geral, auditor e gerente nessa empresa que, inclusive, ao longo do tempo, foi adquirida por várias multinacionais.

O Luiz Carlos que disse “não” a São Paulo por Itajaí foi o mesmo que deixou esse invejável emprego para começar uma empresa com sete pessoas, em 1994. Hoje, são mais de 150 funcionários. Dois deles bem especiais. Os filhos Gabriela e Guilherme atuam como sócios.

O profissional também se orgulha de outros três funcionários que começaram como estagiários e agora são sócios: Cleonir, seu primeiro sócio, com seus dois filhos também com o mesmo status na empresa. Exemplos vivos de que as raízes seguem rendendo frutos.

– Quando a gente vê pessoas com ambição, com vontade, inteligentes... a gente tem que dividir com elas também – explica.

Marcos Alexandre Emilio trabalhou com Luiz Carlos e é só elogios:

– Considero o Luiz meu professor, exemplo de profissional da contabilidade, correção, dedicação. Foi um grande exemplo para mim e acredito que para muitos outros profissionais que passaram por sua empresa.

Aos 63 anos, Luiz Carlos está afastado dos trabalhos devido ao Parkinson, porém fala do futuro da profissão com a firmeza e a sabedoria de quem ainda passa o dia todo no escritório contábil que atende mais de mil clientes.

– A contabilidade é uma área muito boa. Ela está em mudança devido

à revolução na informática... Agora, você passa a ser uma empresa de tecnologia de informação. A informática está dominando tudo. A gente vai passar a ser consultor e não tanto contador, pois o prato já vem pronto. Antes, nós tínhamos que ler, analisar e passar para o cliente os relatórios de gestão. Agora, não – destaca.

Luiz foi Presidente do Sindicont em Itajaí, participou da Diretoria do Sescon/SC, foi Conselheiro do Conselho de Contribuintes da Prefeitura Municipal de Itajaí, Conselheiro da Intersindical Patronal de Itajaí e Conselheiro da Associação Comercial e Industrial de Itajaí.

Ainda fundou o Observatório Social de Itajaí, sendo presidente por vários anos. Espécie de Portal da Transparência em que deixa discriminado cada centavo gasto pelos governantes, o órgão foi o primeiro observatório social do Estado de Santa Catarina e o sexto do Brasil.

“A contabilidade é uma área muito boa. Ela está em mudança devido à revolução na informática... Agora, você passa a ser uma empresa de tecnologia de informação.”

– É um xodó meu – sorri.

A única coisa que pode tirar Luiz Carlos do sério e desfazer o seu semblante sereno e apaziguador é um cliente com segundas intenções. Aí, ele consegue ser ainda mais simples e direto como nunca.

– Quando o cliente quer fazer falcua, a gente manda embora. A contabilidade me deu tudo na vida, e a gente tem que procurar ser leal – reclama. – Não tem segredo. É preciso ser sincero, honesto e trabalhador.

Como se vê, Luiz Carlos não necessita de muitas palavras para se fazer entender. Nem de muitos empregos para se sentir realizado. Muito menos de muitas cidades para chamar de lar. Neste caso, uma só já é mais do que suficiente.

– Itajaí é boa em tudo. Tranquilidade, comércio, indústria, serviço...

quem vem pra cá não vai mais embora.

Depois dessa propaganda sem fins lucrativos e que vem do fundo da alma, tenha certeza de que nove em cada dez pessoas que lerem esse texto vão querer conhecer a Itajaí de Luiz Carlos Gonçalves.

PLANTAR CONHECIMENTO



MANFREDO KRIECK
— Professor - Blumenau/SC

Dono de extenso currículo no ramo da contabilidade, Manfredo Kriek guarda um segredo que definiu muito de sua atuação na vida: o passado no campo e os ensinamentos dos seus pais.

Filho de pequenos agricultores, ele guarda as lições aprendidas na lida rural em Lontras-SC, pequena cidade no Vale do Itajaí, onde nasceu e foi criado.

Mas o que as lições do campo teriam a acrescentar para um contador? Na visão dele, tudo!

– A ideia de plantar, acompanhar o crescimento, zelar pela sua existência e por fim poder colher, é o ciclo da vida e muito se assemelha a qualquer área em que se pretende atuar.

Ao longo de mais de cinco décadas, Kriek alcançou façanhas como criar empresas de sucesso, ganhar prêmios e ajudar na formação de incontáveis novos profissionais, ao atuar como professor universitário.

“A ideia de plantar, acompanhar o crescimento, zelar pela sua existência e por fim poder colher, é o ciclo da vida e muito se assemelha a qualquer área em que se pretende atuar.”

De forma paralela a tudo isso, vem uma trajetória não menos rica de trabalhos voluntários em diversas instituições. O contador vê o voluntariado como uma terceira “marca registrada” de sua trajetória, além das atuações como educador e empreendedor.

– Você precisa ser grato por aquilo que recebeu. A comunidade precisa ser retribuída – enfatiza.

Tal qual o agricultor colhe o resultado do cultivo, KriECK acredita que plantando a semente do conhecimento, nasce uma sociedade melhor.

– Amor e ética sempre foram o meu norte. Entrar numa sala e falar de ética não faria sentido se eu não pautasse a minha vida pelos mesmos princípios – declarou.

“Ao longo de mais de cinco décadas, KriECK alcançou façanhas como criar empresas de sucesso, ganhar prêmios e ajudar na formação de incontáveis novos profissionais.”

A história de Manfredo KriECK como contador teve início na década de 1960, quando ele deixou o campo, para buscar na vizinha cidade de Rio do Sul-SC seu primeiro emprego formal e contato com a área contábil.

– Assim como muitos dos que começam nesta área, iniciei como auxiliar de escritório, o que me levou naturalmente a procurar o caminho da contabilidade – relata.

Foi então que decidiu fazer um curso técnico na área, concluído em 1967. A tarefa não foi fácil, pois era preciso conciliar os estudos com o serviço militar no II Batalhão Rodoviário em Lages, onde foi promovido a Cabo, desempenhando funções burocráticas.

– Foi uma passagem interessante, pois lá aprendi sobre disciplina, respeito, liderança e hierarquia, sendo agraciado com o Diploma de Conduta

Exemplar, destaca.

Apenas cinco anos depois do primeiro emprego, veio o desejo de empreender. Foi quando em 1971 se tornou um dos fundadores da Orcon, uma sociedade de prestação de serviços contábeis em Rio do Sul-SC.

Em 1972, transferiu-se para Blumenau-SC, a convite da Artex S.A., onde desempenhou, por 12 anos, as funções de auditor interno do Grupo.

O aprendizado acadêmico prosseguiu entre as décadas de 1970 e 1980, período em que Kriek concluiu a graduação em Administração de Empresas, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis. A trajetória universitária ainda inclui duas especializações e um mestrado.

Com o conhecimento adquirido, veio junto uma necessidade: transmitir tudo a outras pessoas, ajudando a formar novos contadores.

– Assim, mesmo atuando profissionalmente na empresa com a qual tinha meu vínculo empregatício, em 1979, ingressei na carreira de professor universitário. Naquele momento, entendi que ensinar o que eu conhecia e tinha aprendido era minha missão – relata.

Ali começaria uma trajetória de mais de três décadas como professor da Universidade Regional de Blumenau (FURB), na área de graduação e em várias outras instituições pelo país em pós-graduação. Todos os anos de dedicação são muito bem recompensados, a cada reencontro com um ex-aluno que ingressou no mercado de trabalho.

Mas como aquela planta que aprendeu a cultivar para depois colher, Kriek sentia que ainda tinha mais frutos a dar para a comunidade.

Desde então, o professor e empreendedor conciliaria as atividades profissionais e acadêmicas com o voluntariado em várias instituições, entre elas associações empresariais sem fins lucrativos e entidades beneficentes e de profissionais, em que destaca sua atuação junto aos Conselhos: Federal de Contabilidade e Regional de Contabilidade de Santa Catarina, atuando respectivamente, como membro da Comissão de Administração do Exame de Qualificação Técnica e membro da Comissão de Educação Profissional Continuada.

Ali estavam os três grandes pilares da trajetória de Manfredo Kriek: empreendedorismo, academia e voluntariado.

Como empreendedor, KriECK orgulha-se de ter sido um dos fundadores da Actus Auditores Independentes em 1984.

– Uma empresa de auditoria muito reconhecida em Santa Catarina – descreve.

Ao final dos anos 2000, o lado empreendedor juntou-se ao acadêmico, quando KriECK foi um dos fundadores da Learned Consultores Associados, uma empresa especializada em treinamentos empresariais e Educação Profissional Continuada. Atualmente, esta é a sua principal ocupação.

A carreira de KriECK ainda teve outros fatos marcantes, como a publicação, em coautoria com José Reinaldo Theiss, do livro “Custos e Preços Sugeridos de Venda”. Foi agraciado com o Prêmio Destaque, como painalista no Seminário Interamericano de Contabilidade, realizado em 1998 em Florianópolis, e com o troféu Destaque da Contabilidade, do CRCSC, em 2004.

– Posso dizer que sou uma pessoa plenamente realizada, colhendo os frutos

desta trajetória, mas com muita energia para continuar plantando conhecimento por meio da docência e zelando pela comunidade por intermédio do voluntariado, trabalhando normalmente, mantendo essas marcas registradas na minha vida – comenta.

Como a lição do campo, aquela planta que é bem cuidada continua dando frutos por longo tempo.

– Gratidão. Esta é a palavra que expressa meu sentimento e retrata minhas emoções, pois tudo isto só foi possível graças a proteção de Deus, apoio e compreensão da minha família, e a colaboração de todos aqueles que ajudaram a forjar minha história e me ensinaram que não existe maneira certa de fazer algo errado – finaliza.

FOCO NA DIDÁTICA



MARCOS LAFFIN

— Professor - Florianópolis/SC

Em meados dos anos 1980, Marcos Laffin lecionava em um curso técnico de contabilidade. Em sua primeira de várias experiências como professor, costumava ser agraciado com um prêmio pelos alunos. Mas o que era para ser motivo de orgulho acabou despertando uma inquietude que definiria grande parte de sua atuação acadêmica.

“O contador assemelha-se à atuação de um árbitro de futebol. O contador registra as informações, analisa, interpreta e toma decisões.”

– A cada final de ano, eu ganhava uma homenagem de melhor professor com uma placa comemorativa – relata.

Junto com essa homenagem, os alunos lhe diziam: “Você é um bom professor, mas o que aprendemos no curso, nem sempre aplicamos no mundo real”.

Incomodado com a preocupação dos alunos, buscou conhecimento para se aprimorar. A partir de então, Laffin teve como um dos seus objetivos profissionais estudar as formas de organização do ensino em contabilidade.

– Aquilo me incomodava, então fui para o mestrado para refletir e estudar essa fala dos alunos – conta Laffin.

Nesse processo, alcançou sucesso em várias frentes, colaborando com mudanças curriculares na instituição onde lecionava até proposições via formação de professores e participação em diferentes projetos que tiveram alcance em muitas outras universidades brasileiras.

Este foi um dos principais resultados em sua trajetória que perpassou diferentes etapas da história da própria contabilidade. Desse modo, Laffin descreve sua carreira como um “itinerário”, nas diversas mudanças que ocorreram na forma como os contadores trabalhavam.

E esse itinerário tem como ponto de partida a década de 1980, com a possibilidade de atuar como “aprendiz de contabilidade”. Lidou com vários materiais como parte da rotina cotidiana, que hoje são vistos como peças de museu, tais como o Livro Diário Manual, o mata-borrão e a máquina de escrever.

O momento seguinte seria decisivo na carreira do então técnico em contabilidade: o trabalho no processo de recuperação de empresas com registro contábil em atraso. Ali, os instrumentos de trabalho já eram diferentes, situa ele:

– Usávamos impressoras matriciais e os primeiros computadores, naquelas salas enormes. Eu trabalhava em um galpão de mais ou menos 50 metros quadrados para espalhar a documentação da empresa nos períodos em atraso – relembra.

Em 1986, formou-se em Ciências Contábeis na Universidade da Região de Joinville (Univille). Foi então que ouviu de alunos sobre a distância entre teoria e prática na contabilidade, e em 1996 decidiu que o ensino de contabilidade seria seu objeto de estudos no mestrado e dez anos após a graduação, mais um marco na carreira foi traçado com a conclusão do mestrado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Em 1997, tornou-se professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A motivação de melhorar a qualidade do ensino sempre esteve presente nessa trajetória. Por isso, participou de vários debates sobre a composição do currículo da graduação em Ciências Contábeis.

Em 2003, foi o coordenador do curso na universidade, e ajudou muitos alunos a se graduarem ao defender a quebra de pré-requisitos. Graças a essa

medida, estudantes reprovados em determinada disciplina não deixaram de avançar no curso.

– Minhas experiências em sala de aula me permitiam compreender que o conhecimento tem uma continuidade curricular, mas isso não quer dizer que o aluno, sem frequentar plenamente a primeira fase, não tenha condições de frequentar a segunda e relacionar os conteúdos curriculares – explica.

Foi nesse contexto que ele concluiu o doutorado na UFSC em 2002 para pensar o ensino de contabilidade:

– Fui estudar os componentes necessários para a organização do trabalho pedagógico. Foi uma tese consistente e importante, que abriu caminhos para muitas discussões e o estudo é utilizado como referência até hoje.

“Laffin descreve sua carreira como um “itinerário”, nas diversas mudanças que ocorreram na forma como os contadores trabalhavam.”

A constante preocupação com a didática levou Laffin a ocupar, entre 2004 e 2008, a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da UFSC. À época, tomou a frente no debate sobre a Política de Ações Afirmativas na universidade, e chegou a presidir o Fórum Nacional de Graduação de Universidades Brasileiras, entidade formada por todos os pró-reitores de ensino de instituições de ensino superior no país.

Nessa função e com sua presença nesse Fórum, participou da elaboração do decreto que instituiu o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), após alertar o então ministro da Educação, Fernando Haddad, de que havia um “equivoco técnico no texto inicial”.

– Fiz algumas contas e apresentei uma controvérsia ao decreto, e em uma fala minha em Brasília, disse que se eu fosse o ministro da Educação, revogaria aquele decreto, porque ele era uma sinalização de inviabilidade das universidades federais. Naquele dia, o ministro convocou uma reunião para eu apresentar minha ideia sobre aquele equivoco – relembra.

E pensar que toda essa atuação e participações nacionais tiveram como ponto de partida o questionamento de um aluno do curso técnico em contabilidade na década de 1980. Afinal, o estranhamento que sentiu ao ouvir que seus ensinamentos não tinham aplicação direta na prática despertou a ideia de que o acadêmico tem o direito de ser diferente e aprender à sua maneira:

– Neste aspecto relacional professor-aluno, professor-conhecimento, não há uma verdade absoluta, mas pontos de vista e diferentes relações com o saber – resume.

Para quem dá seus primeiros passos na profissão de contador, a dica é buscar entender os conceitos da profissão e as relações do contexto em que se insere.

– Afirma ainda de que: Quando se compreende a contabilidade como uma área de relações entre números e pessoas, é possível ter um insight, percebe-se o sentido social da contabilidade. Quando visualizo em um número o resultado de um percurso de decisões contábeis, tenho esse insight – explica, com a consciência de quem, ao longo de mais de três décadas, ajudou tanta gente a ter essa compreensão.

SONHAR PARA MUDAR E TRANSFORMAR



MARIA CLAUDIA HOEPERS

— Empresária Contábil e Professora - Itajaí/SC

O que é ser um contador? Por mais que pareça uma resposta simples do “alguém capaz de fazer contas”, é bem mais do que isso. Segundo a empreendedora Maria Claudia Hoepers, contadora há duas décadas, trata-se de uma profissão que permite fazer sonhar.

“Para a empreendedora Maria Claudia Hoepers, contadora há duas décadas, trata-se de uma profissão que permite fazer sonhar.”

A própria Maria Claudia sentiu em sua história a chance de realizar sonhos. Fascinada por estudos, se tornou uma professora universitária precoce, além de empresária na companhia Euro Contabilidade e, recentemente, escritora – é autora do livro infantil “Tax e Seus Amigos”, obra que traz lições tributárias para crianças.

– Ser contador é proporcionar, por meio de contas, a redução da carga tributária, melhorando o resultado das empresas. É evidenciar, por meio de contas, indicadores financeiros que ajudam na tomada de decisões importantes das empresas. Ser contador, na verdade, é trabalhar com sonhos... Quando alguém decide constituir uma empresa é porque ele está sonhan-

do! Sonhando com um futuro melhor para ele e seus familiares, em poder gerar empregos dignos, em oferecer produtos que sejam úteis e tragam melhorias na vida de outras pessoas – orgulha-se.

Mas todo sonho tem um início. O apreço pelos estudos despertou logo cedo, aos 12 anos, quando estudava em escola pública em Itajaí e começou a apostar em cursos gratuitos. Fazia os que apareciam pela frente, em diferentes estilos: datilografia, informática, manicure, culinária, canto, dança, flauta doce e desenho (em lápis HB).

Oriunda de família humilde, buscou inspiração na própria mãe, dona Maurina Zelindra Hoepers, para começar a trabalhar ainda na adolescência. Mostrava lampejos ali de uma menina-prodígio, sempre embalada pelos sonhos. Mas não sabia, na época, que iria tão longe.

A paixão pelos estudos logo despertou o desejo de ensinar. Aos 17, já lecionava em cursinhos da região. Poucos anos depois, aos 22, se tornou professora na Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Orientava alunos especialmente no curso de Ciências Contábeis, mas também em Administração, Comércio Exterior e Ciências Econômicas. Posteriormente, ainda se tornaria professora de pós-graduação em Gestão Tributária e Finanças, também na Univali.

– Fui o primeiro membro da família a cursar uma universidade. Mas não parei por aí, fiz uma especialização em auditoria e perícia contábil, além da formação para o magistério superior e inúmeros outros cursos realizados no âmbito nacional e internacional (Estados Unidos e Canadá) – conta.

Entre os cursos realizados, Maria Claudia destaca o Competing on Business Analytics and Big Data, na Harvard Business School, nos Estados Unidos. Atualmente, faz mestrado em Economia e Finanças pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), além de participar de demais cursos nas horas vagas (quando as têm).

Mas voltemos aos sonhos. Para pensar alto, Maria Claudia teve de suar por conta da rotina atribulada. Em 2006, fundou a Euro Contabilidade, o que foi outro grande objetivo realizado. Passou a conciliar as rotinas do escritório com a agenda na Univali (onde lecionou entre 2007 e 2017).

– Não havia outra forma, acordava cedo e trabalhava de 12 a 18 horas

por dia, todos os dias. Acredito que a extrema dedicação e o investimento em educação são fatores determinantes para o sucesso.

Todo investimento deu certo: a Euro Contabilidade ganhou corpo, credibilidade e cresceu. Atualmente, conta com mais de 50 colaboradores.

– Atendemos renomadas empresas no âmbito nacional e internacional e somos reconhecidos pela qualidade de nosso trabalho. Tenho o privilégio de contar com uma equipe de profissionais incríveis, competentes e éticos, preocupados e atentos com cada detalhe, apaixonados em auxiliar nossos clientes a alcançarem suas metas e buscando sempre o melhor.

“É incrível como essa profissão segue em crescimento exponencial. Desejo que a minha e as próximas gerações possam dar continuidade aos avanços nessa linda arte-ciência chamada contabilidade.”

Maria Claudia queria mais do que o lado empreendedora. Tinha anseio por ajudar a formar uma sociedade melhor. Nesse sentido, ajudou a constituir a Abiva, um think tank (laboratório de ideias) focado no aprimoramento de políticas públicas.

O objetivo da Abiva é contribuir na melhor tomada de decisão dos poderes públicos, políticos e legislativos, por meio de pesquisas encomendadas junto às universidades locais, de modo a favorecer o ambiente de negócios para as empresas e para o Estado.

Ensinar para transformar. Estudar para se aprimorar. Ensinar para transformar. Essas são algumas máximas de Maria Claudia Hoepers. Recentemente, a profissional descobriu na literatura meio de ajudar a escrever um mundo melhor a médio e longo prazo, com o livro “Tax e Seus Amigos”.

Lançado em setembro na Univali, a obra conta com uma visão descomplicada sobre um tema de suma importância, os tributos, mas que é pouco abordado pelos jovens. É uma forma de incentivar a literatura e também o zelo pelas finanças.

– Por mais que você ensine, muitos dos meus alunos (universitários) já chegavam com opinião própria, e até com certa aversão ao tema. O objetivo do livro é quebrar isso com crianças, que vão estar com a mente aberta. As crianças de hoje serão nossos futuros deputados, prefeitos e governadores – conta, para acrescentar. – Como é um tema complicado, tentei colocá-lo de forma bem lúdica, com aventura e olhar positivo para as coisas, reforçando lições de ética e cidadania.

A correria do dia a dia fez com que adotasse o estilo de vida como prática saudável. Adotou alimentação saudável e a prática de exercícios. Não só passou a correr, como também adotou a natação e a pedalada como práticas.

Como precoce e sonhadora, Maria Claudia Hoepers não vai parar por aí. Pelo contrário, ainda tem muito pela frente. Assim como fazia na adolescência, seguirá com os estudos, cursos e novos projetos. Afinal, é apaixonada pela profissão e tudo o que representa ser contadora.

– É incrível como essa profissão segue em crescimento exponencial. É admirável olhar pelo retrovisor e ver toda essa evolução, mas desejo que a minha e as próximas gerações possam dar continuidade aos avanços nessa linda arte-ciência chamada contabilidade!

MELHORANDO VIDAS



MICHELE PATRICIA RONCALIO

— Professora e Contadora Pública - Florianópolis/SC

A crença na importância da contabilidade para o setor público é o que move a trajetória de Michele Patricia Roncalio na área. Secretária adjunta da Fazenda de Santa Catarina, na qual é servidora há 17 anos, ela acumula as funções como integrante de entidades representativas e mãe, e vê na profissão uma maneira de melhorar a vida da população.

“Tive a percepção de que para conquistar algo, você deve suar a camisa, correr atrás de seus sonhos, traçar objetivos e metas para a vida pessoal.”

– Nosso trabalho na secretaria é coordenar a equipe no sentido da maior eficiência e políticas públicas que podem contribuir com o desenvolvimento e a melhor gestão do governante, para tomar as devidas decisões para o desenvolvimento de políticas públicas – discorre a contadora.

A trajetória de Michele Roncalio na contabilidade começou em 1998, quando ela ingressou no curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Era um período de mudanças para a jovem que, aprovada em seu primeiro vestibular, deixava Blumenau para viver em Florianópolis.

Para realizar o sonho de ingressar na universidade, ela precisou conciliar estudo, em escola pública, e trabalho durante o segundo grau – atual ensino médio. Desta época, vieram lições que a acompanharam ao longo de sua trajetória, na qual agregar tarefas é uma constante.

– Tive a percepção de que para conquistar algo, você deve suar a camisa, correr atrás de seus sonhos, traçar objetivos e metas para a vida pessoal. E com isso, penso que fui aprendendo ao longo do tempo também a conciliar várias atividades – relembra.

Na época da faculdade, demonstrou apreço pelo ativismo e, em 1999, foi eleita presidente do centro acadêmico. Organizou a integração com estudantes de outras universidades catarinenses, sendo uma das responsáveis pelo embrião do que se tornaria o Encontro Catarinense de Estudantes de Ciências Contábeis (Ececon).

“Michele Roncalio fez história ao ser a primeira mulher a assumir o cargo de Secretária Adjunta da Fazenda.”

Em 2003, obteve seu diploma após apresentar o trabalho de conclusão com foco no setor público. E foi aprovada no concurso para contador da Fazenda Estadual, fazendo história ao ser a primeira mulher a assumir o cargo de Secretária Adjunta da Fazenda. E foi além.

– Sou a primeira mulher tanto como secretária adjunta, pois nunca houve antes, da Fazenda, e interinamente, na ausência do secretário, a primeira que assumiu – relata, descartando ter sofrido por isso. – Eu não tive auto preconceito e pena, nunca me debrucei nisso. Nunca parei para pensar que é mais difícil – comenta a contadora.

O serviço público não a impediu de prosseguir com os estudos. Em 2005, tornou-se professora universitária substituta. Com objetivo de transmitir seu conhecimento da melhor maneira possível aos estudantes, ingressou no mestrado em 2007, obtendo a titulação em 2009. Iniciou na própria UFSC como docente universitária.

Era apenas o começo de uma sólida carreira acadêmica. Michele hoje

leciona na graduação, na pós-graduação e em cursos de atualização e aperfeiçoamento de várias instituições de ensino, incluindo a UFSC.

– Sempre gostei da contabilidade, mas também sempre gostei de transmitir conhecimento. Achei que uma conciliação dessa vertente foi poder compartilhar com jovens que estavam entrando na graduação, e eu também era jovem, tinha 25 anos quando comecei – relata.

E assim a contadora que, quando adolescente, precisava trabalhar em meio aos estudos, novamente acumulava funções. E não ficou só nisso. Tornou-se conselheira do CRCSC em 2010, e participou da implementação de iniciativas que tinham o objetivo de levar conhecimento a contadores de vários municípios do Estado.

Depois de participar do primeiro curso de multiplicadores das Normas Brasileiras de Contabilidade Aplicada ao Setor Público, coordenou a Comissão de Contabilidade Pública do CRCSC até 2015. Percorreu Santa Catarina para espalhar conhecimento, e criou o Encontro Catarinense de Contadores e Controladores Públicos (ECCCP). Também desenvolveu a Câmara Técnica Debate, que dura até hoje no CRCSC, quando atuou como vice-presidente da Câmara Técnica, entre 2016 e 2017.

– A cada ano, aperfeiçoamos mais o evento, buscando agregar mais contadores e levar o debate a esses profissionais. Em pequenas prefeituras, câmaras de vereadores, institutos de previdências, fundos, muitas vezes, não há acesso a capacitação, por serem muito específicos, mas quando a gente reúne, há troca de experiências – comenta.

Em meio às atividades de contadora da Fazenda Estadual, professora e idealizadora de eventos, Michele encontrou tempo para se tornar mãe. Não antes de, a um mês de ter seu filho, organizar o 2º ECCCP, realizado em junho de 2012 em Rio do Sul. E as circunstâncias desse evento ilustram bem aquela preocupação que a contadora demonstra em contribuir com o desenvolvimento econômico.

Ela vê a realização de eventos em cidades pequenas como uma forma de ajudar a impulsionar a economia local com a presença de hóspedes, gerando empregos e elevando o PIB. Por isso, nem mesmo uma grande enchente em

Rio do Sul impediu que o encontro ocorresse lá.

– Vimos que a água chegou até um bom pedaço. Disseram que era melhor desistirmos, mas eu olhei e disse: “pelo contrário, agora que é a vez de dar força para aquela cidade”. O povo do Vale é um povo guerreiro – conta. – Movimentamos a cidade – orgulha-se.

Ao falar sobre sua atuação na secretaria, Michele gosta de listar as iniciativas que ajuda a implementar, e os benefícios delas para o desenvolvimento do Estado. Afinal, é sua grande motivação ver a contabilidade ajudando a otimizar despesas e, assim, melhorar a vida das pessoas.

Assim, ela se vê como profissional: alguém que vai além dos números, focando nos benefícios que uma boa contabilidade pode levar para a sociedade.

– Embora muita gente ache que o contador mexa com números, que é especialista em números, temos que ser especialistas em análises, aprender a transmitir os resultados dos números para a sociedade.

E a sociedade agradece.

NUNCA É TARDE



NÉLIO HERZMANN

— Professor - Florianópolis/SC

Em que pese as inúmeras contribuições de Nélío Herzmann no ramo da contabilidade, da advocacia, como mencionado anteriormente, sua participação na formação de novos profissionais na condição de professor e coordenador de curso foram as atividades que mais lhe encantou como profissional.

“Contador, advogado e, em especial, professor, participou, efetivamente na formação de muitos novos profissionais, lecionando e coordenando cursos de graduação.”

Nascido em Santo Amaro da Imperatriz, Nélío Herzmann viveu parte da sua infância entre sua cidade natal e Palhoça. Sua infância e pré-adolescência lhe exigiram a realização de múltiplas atividades domésticas e, ou, laborativas, no sentido de colaborar com os afazeres da família de forma que, por um certo período, seus estudos ficassem de lado.

Retornado um pouco tardiamente, cursou o ensino fundamental dando-lhe condições futuras de ingressar na universidade.

Nesse período, realizou múltiplas atividades secundárias, que na época eram o que estavam disponíveis, para contribuir com a economia familiar.

Iniciando uma nova etapa na sua vida, conseguiu ingresso na Marinha do Brasil, período esse em que realizou viagens pela costa brasileira e sul-americana, culminando com sua transferência para o ministério da marinha onde teve o seu primeiro contato com a contabilidade, adquirindo experiência na área da contabilidade pública o que o levou ao interesse pela área.

Aos 21 anos deixou a Marinha retornando a casa de seus pais já em Florianópolis.

Na sequência, conseguiu trabalho no escritório de contabilidade Orsecon, onde deu continuidade a prática da contabilidade, aguçando ainda mais seu interesse pela profissão.

Nesse interim, realizou concurso público de auxiliar administrativo na antiga Caixa Econômica Estadual onde não apenas foi aprovado como também fez carreira por 25 anos na instituição como chefe de departamento e assessor de diretoria.

“A aquisição de conhecimento, por meio de um aprendizado constante, deslumbrou a oportunidade de, além do exercício do magistério, realizar outra graduação e produção de obras acadêmicas e profissionais.”

Por volta dos 40 anos realizou um antigo desejo de voltar a estudar completando o ensino fundamental por meio do supletivo de primeiro e segundo grau, prestou vestibular na Universidade Federal de Santa Catarina, tendo sido aprovado para o curso de ciências contábeis.

Tão logo se formou na UFSC, mais uma ironia do destino acabou empurrando Herzmann para a área em que ele considera ter dado suas maiores contribuições para seu ramo: o magistério.

A primeira experiência como professor universitário surgiu de repente, sem aviso, e diante de rostos conhecidos na sala de aula.

O novo professor substituto da UFSC era dado a desafios, e não iria parar apenas nas salas de aula. Por isso, começou a atuar também como perito contábil, inicialmente em parceria e, depois, de forma autônoma.

Ao realizar as perícias, percebeu que interpretar uma sentença judicial não era tarefa fácil para um contador. Por isso, decidiu ampliar seu leque cur-

sando a segunda graduação. Em 2005, formou-se em Direito na Unisul e começou a atuar também como advogado.

Herzmann ainda se especializou em Planejamento Tributário, também na UFSC, e fez mestrado em Administração pela Udesc.

Como professor da Unisul, em 2004 foi desafiado pela direção do Campus Virtual da Unisul a conceber o projeto pedagógico onde foi coordenador do curso até 2019.

Em meio à atuação como professor universitário, ainda encontrou tempo para escrever publicações relacionadas a área de suas múltiplas atividades, e que não foram poucas.

Além dos quatro livros publicados, todos pela Unisul, foi coautor de outros dois. Somados aos capítulos escritos para outras obras, o total chega a 27.

O gosto por ensinar foi motivado a partir das atividades como professor substituto na UFSC e foi considerado a sua maior contribuição para as Ciências Contábeis.

Hoje, já aposentado, dedica-se as atividades recreativas que sempre desejou realizá-las, restringindo sua colaboração intelectual ao auxílio dos profissionais ex-alunos e amigos que ainda lhe procuram. Seu legado profissional continua vivo nos filhos: o advogado e contador Daniel e o professor Nélio Júnior.

SORTE NO ÔNIBUS MATINAL



NIVALDO JOÃO DOS SANTOS

— Perito, Auditor e Professor - São José/SC

“Nivaldo João dos Santos tem uma coleção de carteiras de trabalho orgulhosamente preenchidas com carimbos e assinaturas de empregos, promoções e ajustes salariais.”

Nivaldo João dos Santos tem uma coleção de carteiras de trabalho orgulhosamente preenchidas com carimbos e assinaturas de empregos, promoções e ajustes salariais. Guarda todas com o mesmo zelo que um atleta olímpico guardaria uma reluzente medalha de ouro, prata ou bronze. Sinal de que o passado de muito esforço o orgulha. Questionado sobre qual dica costuma dar aos mais jovens, aqueles que ainda estão buscando as primeiras marcações na carteira de trabalho, ele não hesita:

– Acho estranho quando alguém diz: você deu sorte na vida. A sorte aparece todo dia no ponto do ônibus das seis e meia da manhã. Ela está sempre lá.

Exemplo de gente trabalhadora, Nivaldo sempre teve em casa. Seu Severino e Dona Maria da Conceição não tomaram qualquer ônibus às seis e meia da manhã. Colocaram os pés na estrada saindo de Recife rumo ao Rio de Janeiro com sete filhos

a tiracolo. Nivaldo era um deles. No Rio, ainda nasceria o oitavo rebento.

Comerciante no Nordeste, seu Severino não conseguiu capital para abrir a sua empresa em solo carioca. Virou porteiro até se aposentar. Um espelho para o filho que, desde cedo, nutriu o gosto pelo trabalho.

– Eu trabalhava desde os 15 anos – conta. – Era office boy, auxiliar... fazia coisas de contabilidade sem saber.

Além de trabalhar, Nivaldo, pasmem, procurava... por mais trabalho! Leitor voraz da seção de classificados, um dia acabou encontrando o próprio destino na página do jornal.

– Um belo dia, com 18 anos, li: “auxiliar de contabilidade”. Descobri que os requisitos eram os mesmos do meu emprego da época. Mas que o salário era o dobro – sorri. – Nada foi planejado, nada foi pensado... tudo espontâneo pela necessidade de sobrevivência.

Para quem cruzou o país ainda criança com mais seis irmãos e os pais, sobreviver era palavra de ordem. Nivaldo tirou de letra a prova de seleção e, assim, em 1970, sua vida mudou de vez. Começou na Petrobras como funcionário contratado no cargo de técnico em contabilidade.

Em 1975, ingressou por concurso na Eletrosul. Um ano depois, foi transferido para Florianópolis como auxiliar contábil financeiro, no qual fez carreira técnica e gerencial (Contador Sênior, Chefe de Divisão, etc.) e onde permaneceu até 1999.

Nordestino, criado no Rio de Janeiro e que escolheu Florianópolis para fincar raízes.

– O maior tempo da minha vida é em Santa Catarina, desde 1976. Me sinto um manezinho da Ilha, até sotaque tenho – sorri. – Posso dizer que fui privilegiado. Só morei em cidade boa!

Nivaldo gosta mesmo de morar bem. Não é à toa, que a música eleita por ele como um marco em sua trajetória é “De Volta pro Aconchego”, de Dominginhos – mais um nordestino que desbravou o país e prosperou na base do talento.

O aconchego, aliás, foi o que norteou Nivaldo a dar uma guinada profissional, aos 46 anos. Depois de tanto perseguir o trabalho onde quer que ele estivesse, chegou o momento de escolher. Em 1999, tomou uma das decisões mais importantes de sua trajetória. Deixou a Eletrosul para se dedicar exclusivamente à carreira acadêmica.

– Fiz um balanço das perspectivas de vida... e preferi ser feliz.

Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), além de lecionar, coordenou cursos de pós-graduação, em nível de especialização, e, na sua tese de doutoramento, desenvolveu uma nova metodologia para determinação do valor econômico de empresas de capital fechado em processos de apuração de haveres de sócio.

“O mercado é muito democrático. No fundo, ele quer saber se você é capaz de fazer aquele serviço bem-feito, com exatidão, com pontualidade...”

Assim como seus pais, também colocou o pé na estrada. Mas não para começar uma nova vida e, sim, para ensinar conceitos de qualidade em serviços contábeis pelo curso de pós-graduação promovido pelo CRCSC. Das andanças pelos mais variados recantos do Estado, o professor virou escritor e escreveu uma cartilha para auxiliar no planejamento dos profissionais e escritórios. Nivaldo é ainda membro-fundador e atual presidente da Academia Catarinense de Ciências Contábeis.

Mas não esqueçam. Nivaldo tem uma coleção de carteiras de trabalho. E não iria parar por aí. Em 2015, virou empreendedor, abrindo sua própria empresa de perícias e auditoria.

– Meu objetivo era tornar a empresa uma referência em avaliação de empresas, apuração de haveres, consultorias e perícias contábeis e financeiras. Diante dos trabalhos realizados e em andamento, acredito que estamos cumprindo com os propósitos – avalia.

E segue contribuindo em atividades não remuneradas -- a mais recente como membro do Conselho de Curadores da Fundação de Estudos e Pesquisas

Socioeconômicos - FEPESE.

Aos 67 anos, criou três filhos e agora se diverte com dois netos, e o terceiro está por vir. Mesmo assim, ainda não pensa em adicionar uma nova função na carteira de trabalho, a de avô em tempo integral. Pretende seguir trabalhando sem data para dizer adeus.

– Tenho orgulho de ser contador. E de ter pontuado os diversos estágios. De ter vivido os diversos degraus. Eu fiz de tudo. Fiz curso técnico em contabilidade, faculdade, trabalhei no setor privado e em estatal. Lecionei no ensino público. Fundei uma empresa. Todas as carteiras de trabalho estão guardadinhas. Escrevi uma metodologia em meu doutoramento. Assim, por enquanto, não penso em parar.

Nivaldo pode não querer parar, mas já adianta alguns conselhos para quem estiver disposto a embarcar nesta jornada:

– O mercado é muito democrático. No fundo, ele quer saber se você é capaz de fazer aquele serviço bem-feito, com exatidão, com pontualidade... Fique atento às oportunidades. Seja manso, sem rompantes, fale português corretamente.

Ah, se nos permite, Nivaldo, vale adicionar a esses conselhos algo mais. Esteja sempre preparado. Esperando passar aquele ônibus das seis e meia de todas as manhãs.

O ESCRITÓRIO DAS TRÊS MULHERES



PRISCILA CAMILA GHENO PROPP (*IN MEMORIAM*)
— Empresária Contábil - Florianópolis/SC

Muito provavelmente, você não presta atenção quando, ao caminhar por alguma rua, avista a fachada de um escritório de contabilidade. Mas, caso passe por São José, na Grande Florianópolis, e venha a deparar com o letreiro da Gheno e Propp Associados, saiba que, por detrás de suas paredes, está aninhada uma história de luta, resistência e solidariedade entre mulheres.

“Lidar com pessoas deixava Priscila plena. Uma contadora apaixonada pela profissão, claro!”

“O escritório das três mulheres”.

Assim, poderia se chamar em uma ficção, livremente inspirada na famosa obra “A Casa das Sete Mulheres”. Mal sabem os autores de livros e novelas de plantão que a realidade dessa família já renderia por si só uma bela história. Vamos contá-la um pouco agora.

Essa é uma história sobre Priscila Camila Gheno Propp. Mas seria impossível contá-la sem antes começar por Ivani Maria Gheno. A mãe que, depois da separação do marido, passou a criar sozinha Priscila e a irmã Milena, acumulando a nobre função de mãe com a sua vocação para a contabilidade. Inclusive, abriu a sua própria empresa, antes

chamada de Pratika Contabilidade. Dá para dizer que a faculdade das meninas iniciou ali.

– Eu comecei com a sala emprestada que era do padrinho dela quando elas eram crianças... – lembra Ivani. – Elas sempre estiveram do meu lado. E participaram de lutas que nem deveriam estar vivenciando pela idade delas.

– A mãe nos criou no meio da contabilidade – orgulha-se Milena.

Natural, portanto, que as filhas se formassem nesse curso. A partir daí, surgiu a Gheno e Propp Associados, o escritório liderado pelas três. Antes, porém, de se graduar em contabilidade, Priscila havia completado o curso de Administração de Empresas e se especializado em Recursos Humanos.

“Priscila não deixou o câncer sufocar a sua força de viver intensamente. Independentemente do quão duradouro fosse esse período. Realizou, inclusive, o sonho do casamento.”

Lidar com pessoas deixava Priscila plena. Uma contadora apaixonada pela profissão, claro, mas nem tão afeita a passar horas sentada em uma mesa de escritório. Ainda na faculdade, Priscila já se destacava pela liderança na Comissão Executiva Estadual dos Estudantes e na Federação Nacional dos Estudantes de Ciências Contábeis.

Formou-se em contabilidade em março de 2014. Logo no mês seguinte, recebeu a notícia que mudaria sua vida e do escritório das três mulheres, para sempre. Em um exame de rotina, Priscila descobriu um caroço no seio esquerdo, que, em poucos dias de intensas consultas e procedimentos, se revelou, na verdade, um câncer de mama.

Priscila sempre teve, na própria casa, um exemplo de como fazer das dificuldades trampolins para novas conquistas. Bastava se espelhar, claro, na força da mãe. O foco de toda a família foi em busca da cura de Priscila, fazendo o que fosse possível. Não foram medidos esforços por tratamentos, médicos e lugares especializados. A cada exame, uma eternidade de espera. Alguns bons, outros nem tanto. Mesmo assim, nunca deixaram de acreditar.

Novas atribuições e ocupações vieram da contabilidade, que já havia feito tanto pela família. Paralelamente ao desafiador tratamento, Priscila conseguiu prosperar no lado profissional. Ainda em 2014, foi convidada para participar da Comissão de Jovens Lideranças Contábeis no Estado de Santa Catarina.

Em fevereiro de 2016, Priscila foi nomeada para a presidência da Regional Sul da Comissão Nacional das Jovens Lideranças Contábeis, abrangendo os trabalhos realizados pelas comissões do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Não deixou de percorrer o país em nome da comissão: Foz do Iguaçu, Pernambuco, Roraima, Porto Alegre, Brasília...

A mesa de um escritório definitivamente era um mundo pequeno demais para Priscila. Ela precisava da rua, da estrada, das pessoas. Para espalhar o amor pela profissão, sim, mas havia outra missão: ajudar quem também estava travando a batalha pela vida.

Em agosto de 2016, em um seminário para estudantes em Santa Catarina coordenado por Priscila, o ingresso foi um lenço ou um brinquedo a ser doado para associações e entidades de acompanhamento a crianças e mulheres com câncer. Foi integrante da Comissão da Mulher Contabilista em 2019 e militava no trabalho de conscientização sobre o tratamento e a prevenção ao câncer de mama.

Nessa época, ela já tinha metástase nos ossos, mas seguiu, mesmo acometida por dores insuportáveis, as radioterapias intensas e intermináveis, queimaduras na pele, dificuldade para se alimentar e se locomover.

– Eu acho que o que deu vida e um gás para ela foram justamente os compromissos que ela tinha. Ela tinha paixão por fazer as viagens, os planejamentos – conta Milena.

Priscila não deixou o câncer sufocar a sua força de viver intensamente. Independentemente do quão duradouro fosse esse período. Realizou, inclusive, o sonho do casamento. Subiu ao altar com Thiago, com quem começou a namorar seis meses antes do diagnóstico.

– Ela já estava carequinha! Mas sempre com um sorriso no rosto, sua marca registrada – recorda Ivani, também sorrindo.

As conquistas de Priscila avançavam, mas, infelizmente, a doença tam-

bém. Em 22 de janeiro de 2018, anotou em seu diário: “Meu Deus, hoje não sei quanto tempo terei, talvez dois anos”.

Poderia ser uma sentença de morte, mas não para Priscila, que transformou o futuro doloroso e incerto em presente cheio de energia. Viajou para Orlando, Miami e Nova York, nos Estados Unidos. Viu a neve. Viu o nascimento da sobrinha Isabella. Planejou a festa de 15 anos da sobrinha e afilhada Melissa. Encheu as redes sociais de esperança com uma conta no Instagram que chegou a 3 mil seguidores em pouco tempo.

Ah, o tempo. Ele estava acabando. Priscila se despediu em 22 de janeiro de 2020, aos 37 anos.

– Ela lutou até o último segundo para viver. Foi uma mulher de muita garra. E todas nós, hoje em dia, nos sentimos realizadas através da obra dela – valoriza Milena.

Luta, garra, determinação. Valores que não se foram no adeus a Priscila, até porque também já estavam antes em Ivani, que, aos 70 anos, não parou de trabalhar. Persiste como mulher, como mãe, como contadora. Por Milena, por Priscila, pela própria Ivani e por suas histórias que transcendem qualquer obra de ficção. O escritório das três mulheres segue, sim, a todo vapor.

SEMPRE ATUAL



SERGIO FARACO

— Empresário Contábil - Florianópolis/SC

A simplicidade e a espontaneidade com que Sergio Faraco fala sobre sua carreira contrasta com a extensa lista de realizações que o ajudaram e auxiliam inúmeros colegas de profissão. Seu nome é conhecido não apenas em Santa Catarina, como um profissional dedicado à categoria e que busca constante atualização, mas pelo país todo.

O que poucos sabem, entretanto, é que a trajetória tão rica do contador teve início em meio a muitas dificuldades.

“Fui um cara muito pobre, não tinha onde cair morto. Não tinha roupa, usava as roupas dos outros. Isso é muita luta.”

– Não vou te contar muito da minha história para você não chorar – avisa. – Fui um cara muito pobre, não tinha onde cair morto. Não tinha roupa, usava as roupas dos outros. Isso é muita luta – prossegue.

Faraco trabalha desde os 13 anos, mas nunca deixou os estudos de lado. Ignorando os planos da mãe, que sonhava ter um filho médico, optou pela contabilidade.

Além da facilidade que sempre teve com os números, sentiu-se motivado a seguir a área depois

de ver um edital de concurso público oferecendo boa remuneração. Reservado ao contar detalhes sobre sua vida, não esconde a motivação que tinha por conquistar uma condição financeira melhor.

– Teve uma vez um concurso do BRDE, que na época eles pagariam R\$ 3.500. Hoje seriam uns R\$ 25.000. Aquilo me chamou a atenção, pensei: “deve ser bom esse negócio”.

E foi conciliando trabalho e estudo que ele obteve seu diploma em 1976 na UFSC, onde havia sido aprovado no primeiro vestibular. Logo em seguida, abriu o próprio escritório em Florianópolis. Na equipe, eram apenas ele, a mãe, como secretária, e um office boy.

Os primeiros clientes foram ex-colegas do antigo Posto Texaco, onde havia trabalhado antes. Fruto da dedicação e da seriedade demonstradas por lá.

– Logo de cara, peguei 10 postos de gasolina. O pessoal me conhecia da Texaco, e via em mim uma pessoa séria e correta. Eu mexia com dinheiro lá, cada caminhão era uma fortuna. Imagine 15 mil litros de gasolina quanto não dá em dinheiro – relata.

O negócio prosperou. Hoje, mais de 40 anos depois, a Faracon conta com 32 funcionários e cuida das finanças de 243 empresas.

Impossível não relembrar a origem humilde ao colher os frutos de décadas de dedicação. O contador vê sua trajetória como uma prova de que todo esforço é válido.

– Conheci quase o mundo todo, um cara que andava de ônibus, e atravessava a ponte Hercílio Luz a pé. Hoje, tenho uma situação financeira tranquila. Meu escritório não é grande, mas dá pra ganhar um dinheiro – brinca.

E o gosto pelos estudos o acompanha durante todos esses anos.

Em 2003, Faraco concluiu sua segunda graduação, em direito. Ele recomenda a todos os contadores que sigam seu exemplo.

– É uma maneira de ninguém me enganar – brinca. – Direito e contabili-

dade têm tudo a ver. Um é complemento do outro. Me ajuda muito na maneira de interpretar a legislação – explica.

O contador ainda se especializou em Auditoria, Gestão Empresarial e Direito Tributário. E não parou. Atualmente, estuda Contabilidade e Empreendedorismo (MBA).

– Sou um cara que estuda muito. Era para eu estar parando, mas não quero parar, estou fazendo MBA. Conhecimento é futuro – afirma.

Nos ano de 1996, já com sua empresa prosperando, Faraco assumiu a presidência do CRCSC. Era o começo de uma trajetória de quatro mandatos e muitas realizações.

“O negócio prosperou. Hoje, mais de 40 anos depois, a Faracon conta com 32 funcionários e cuida das finanças de 243 empresas. ”

A primeira seria reequilibrar as contas e saldar as dívidas da entidade. E a gestão encabeçada por Faraco foi além, ajudando a construir uma nova sede, inaugurada em 2001.

– Modéstia à parte, sou considerado referência. Existe um conselho antes e depois de mim – destaca.

Entre diversas realizações, estão convênios firmados com órgãos públicos, prevendo medidas como a exigência da figura do contador em todas as administrações municipais, na abertura de empresas e nas realizações de perícias judiciais. Era uma maneira de valorizar um ofício tão importante para a sociedade.

– Hoje não existe empresa alguma, com ou sem fins lucrativos, que não tenha contador. É a única profissão que está em qualquer empresa.

E a mesma preocupação com a educação que leva para a vida também esteve presente durante a atuação na entidade.

Movido pela crença de que o profissional da contabilidade precisa es-

tar sempre se atualizando, esteve à frente da implementação do programa de Educação Continuada, pioneiro entre conselhos profissionais, além de outras iniciativas, como os programas: Contabilizando com o IFRS, com o brilhante Presidente Adilson Cordeiro; Contabilizando o Sucesso e Contabilizando com Direito.

Isso tudo sem citar outras iniciativas, como a distribuição de livros e até mesmo cartilhas infantis para ensinar crianças e pré-adolescentes sobre a importância de saber lidar com o dinheiro.

A motivação para conciliar trabalho, estudo e a atuação frente à entidade é o prazer que sente ao contribuir não apenas com a categoria, mas também com a sociedade em si.

– É uma cachaça, eu gosto. Não ganho nada para isso, só ganho prestígio. O governador e o prefeito querem falar comigo, isso me valoriza. Eles me procuram não é porque sou bonito, é porque sabem que atrás de mim há eleitores.

Embora não esteja mais à frente do CRC, atualmente Faraco é o vice-presidente do Conselho Federal da Contabilidade e conselheiro do Conselho Superior da Associação Comercial da Grande Florianópolis.

Faraco ainda foi presidente da Federação dos Contabilistas do Estado de Santa Catarina - Fecontesc, do Sindicato das Empresas de Serviços Contábeis, Assessoramento, Consultoria, Perícias, Informações e Pesquisa da Grande Florianópolis - Sescon Grande Florianópolis e da Associação Catarinense de Contabilidade – ACC e conselheiro do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. E em meio à movimentada rotina, sempre acha tempo para auxiliar companheiros de profissão.

– Ligam muito pra mim, sabem que estou sempre atualizado. Vejo meus colegas como parceiros e não concorrentes.

PROFISSÃO: CONTADORA E YOUTUBER



STEPHANIE KALYNKA ROCHA SILVEIRA

— Professora e Empresária Contábil - Florianópolis/SC

Ela não sabia o que era contabilidade. Tampouco imaginava que um dia seria professora universitária, assim como uma influenciadora digital com milhares de seguidores e capacidade ilimitada de distribuir conhecimento de forma on-line. Essa é a história de Stephanie Kalynka: contadora, youtuber, inquieta e, sobretudo, apaixonada pela profissão e pelo modo de vida que escolheu.

“Desde criança, quis ser alguém na vida, fazer algo para contribuir com o mundo, me sentir útil.”

Mas antes de contarmos sobre a recente vida de influencer de Stephanie, vale destacar o caminho encontrado por ela para iniciar esse conto de fadas contábil. Criada pela avó Marli Terezinha da Rocha na cidade catarinense de São José, não tinha exemplos ou referências na família, em termos de pessoas ligadas à profissão ou de alguém que havia buscado vocação universitária. E nem conhecia contadores para buscar inspiração.

Como característica pessoal, Stephanie sempre teve o estilo “inquieta”, no sentido de alguém que não permaneceria na zona de conforto. Como meta, queria “ser alguém na vida”. Mas qual curso escolheria? Com poucas opções disponíveis na cida-

de onde morava, optou pelo curso de Ciências Contábeis pelo apreço à matemática.

– Não tive exemplos na família para entrar na faculdade, mas desde criança quis ser alguém na vida, fazer algo para contribuir com o mundo, me sentir útil. Fui a primeira da família a entrar em um curso de graduação – conta.

Prestou vestibular e conseguiu ingressar no Centro Universitário Municipal de São José (USJ). Mal sabia ela que iniciava então um caso de amor com uma profissão inesperada.

“Foi emocionante o primeiro dia que comecei a trabalhar com contabilidade. Quase não podia acreditar no que estava acontecendo. Era um sonho! Entrei como estagiária e depois fui contratada.”

– Nunca tinha pensado em fazer faculdade porque aquilo parecia algo muito distante para mim. Eu não tinha ideia do que era contabilidade, mas me comprometi em dar o meu melhor. Busquei me dedicar a aprender ao máximo desde o início. Passei a acreditar que eu seria uma contadora de muito sucesso – explica.

A universidade foi a primeira guinada na carreira da, então, estudante. Para se tornar uma contadora de sucesso, o que era o seu grande objetivo, se agarrava em algumas máximas: precisava estudar e se dedicar muito, além de trabalhar na área, é claro. Quando estava na terceira fase do curso de Ciências Contábeis, surgiu o primeiro estágio para começar a obter experiência. Oportunidade temporária, mas que logo se tornou um emprego efetivo.

– Foi emocionante o primeiro dia que comecei a trabalhar com contabilidade. Quase não podia acreditar no que estava acontecendo. Era um sonho! Entrei como estagiária e depois fui contratada. Fiquei trabalhando na empresa durante toda a faculdade. Lá eu tive muitas oportunidades. Aprendi muito. Pude me inspirar em muitas pessoas, que me fizeram acreditar que eu realmente podia ir muito longe – acrescenta.

Após quatro anos de curso e de trabalho, achava que deveria buscar novos horizontes, aprender coisas novas, buscar especializações. Stephanie tinha sido aprovada em um processo seletivo como trainee na empresa KMPG, quando recebeu um convite inesperado: assumir a contabilidade da própria USJ.

– Tive que tomar uma decisão muito importante na minha vida naquele momento e decidi assumir a contabilidade da universidade. Eu recém tinha me formado, mas já tinha tirado meu registro no Conselho Regional de Contabilidade de SC. Não perdi tempo e fui. Com medo, mas fui – relembra.

Stephanie se tornou contadora da universidade aos 23 anos. Mas o melhor ainda estava por vir para realizar um outro sonho: se tornar docente. Aceitou o convite para se tornar professora universitária e descobriu na universidade a paixão por ensinar.

– Ter escolhido assumir a contabilidade da universidade tinha um propósito, porque havia surgido em mim a vontade de ser professora durante a faculdade. Eu vi uma oportunidade ali de concretizar esse objetivo. Valeu cada dia de estudo! – destaca.

Mas também teve de enfrentar obstáculos na carreira tão precoce e superar a desconfiança alheia, já que era uma professora jovem e que convivia em um meio predominantemente masculino. Chegou a escutar de um colega professor que não tinha “aparência de contadora”, por exemplo. Ficou chateada com o comentário, mas não desanimou.

Seguiu adiante a carreira como professora, assim como não abandonou a prática de contadora. Manteve as duas paixões unidas – uma complementava a outra. Afinal, a experiência profissional a auxiliava nas aulas. E vice-versa.

– Apesar de ter encontrado ali o que eu amava fazer, me comprometi a não deixar a área prática da contabilidade para ser professora. Decidi ser uma professora e contadora atuante.

A busca pelo aperfeiçoamento fez Stephanie iniciar um mestrado na área. Na mesma época, foi convidada a assumir a contabilidade do setor da

Saúde pelo município de São José.

Mas não se esqueçam da inquietude de Stephanie. Para se sentir uma profissional completa na área da contabilidade, queria trabalhar em escritório. Atingiu o objetivo naturalmente.

– Começar a trabalhar em um escritório me ajudou a me sentir uma profissional mais completa. E percebi o quanto estar no escritório me ajudava como professora também.

Profissão: youtuber

Mas a carreira da profissional era sempre norteadada por novidades. A habilidade em lecionar gerou uma ideia nova: dar aulas de forma on-line. Queria ajudar um maior número de pessoas, principalmente as que estavam por iniciar na profissão.

A facilidade com a oratória, somada com a vontade de inovar, assim como a paixão pelo ensino, abriu espaço para um novo projeto na carreira. Iniciou um canal no YouTube em 2019 e passou a publicar dicas semanais. A ideia se desenvolveu e mantém a rota de crescimento até os dias atuais.

– Resolvi, então, entrar nas redes sociais, criei meu canal do YouTube e comecei a falar da contabilidade. Foi muito difícil no começo, já que sempre fui envergonhada. Mas comecei a perceber como estar ali on-line ajudava e encorajava as outras pessoas. A demanda foi tão grande que eu tive que sair do escritório. Continuei como professora, fechei a empresa de cursos presencial e me foquei no on-line e nas redes sociais. Criei cursos, fiz parcerias com empresas, levei a contabilidade para muitos cantos do Brasil.

Com a pandemia de covid-19, o negócio on-line acelerou. Passou a ser procurada agora não somente por profissionais da área. Passou a angariar novos clientes, o que a fez realizar um outro objetivo: abrir o próprio escritório de contabilidade: a Conte.Me!, focada para atender os clientes de forma gerencial 100% on-line.

– Muitas pessoas começaram a me buscar nas redes sociais para eu prestar serviços contábeis. Foi uma consultoria aqui, uma mentoria ali... Quando

eu vi, começaram a aparecer os primeiros clientes do meu, agora então escritório. Confesso que tive muito medo! É muita responsabilidade abrir um escritório, mas estou me dedicando ao máximo.

Protagonista

Stephanie Kalynka se sente realizada pela trajetória que construiu até então. Sabe que ainda tem um longo caminho pela frente. Mas tem um agradecimento especial: a contabilidade amada.

– Orgulho-me porque resolvi ser protagonista da minha história e sei que isso inspira muitas pessoas a fazerem o mesmo! Hoje, eu me sinto muito útil e orgulhosa pela profissão que escolhi! Mesmo sem saber o que era contabilidade, acreditei e alcancei muitos objetivos por causa dela! Meu amor e gratidão pela contabilidade serão eternos!

Para quem quiser acompanhar o trabalho, basta conhecer o canal Stephanie Kalynka: Educação Contábil Simplificada. Mas vocês já sabem que a profissional é inquieta. Ou seja, novos projetos devem aparecer por aí.

O NEGÓCIO É PEGAR NA EMOÇÃO



TADEU ONEDA

— Empresário Contábil - Tangará/SC

Esse conselho de Tadeu Oneda surge depois de o contador de 63 anos relatar uma das últimas mobilizações que ele liderou na comunidade. Um tornado devastou parte de Tangará, sua cidade natal em Santa Catarina. Prontamente, Tadeu tratou de buscar doações, criou uma comissão para aplicação dos valores dos bens recebidos, além de sua própria contribuição, para ajudar a reerguer a vida das famílias atingidas.

“Excelência, liderança, saltar à frente. Não é à toa, Tadeu se espelha em Ayrton Senna e diz se arrepiar quando ouve o “Tema da Vitória”.”

Tadeu é assim. Tudo que fez na vida procurou fazer com dedicação. Mas, sobretudo, com intensidade.

– Você tem que se dedicar, fazer as coisas de boa-fé – recomenda. – Eu parto do seguinte princípio: se peguei algo para fazer, estou comprometido até o fim.

Excelência, liderança, saltar à frente. Não é à toa, Tadeu se espelha em Ayrton Senna e diz se arrepiar quando ouve o “Tema da Vitória”. A canção que embalava as vitórias do piloto de Fórmula 1 pode ajudar a ilustrar um pouco a vida

de Tadeu. Como se guiasse um carro em alta velocidade, precisou de habilidade para ultrapassar obstáculos antes de se orgulhar das maiores conquistas.

A começar por uma barreira chamada preconceito. Na infância, sofria represálias simplesmente por ser canhoto. Repetiu de ano, perdeu amigos. Nas escolas por onde passou, amarravam sua mão esquerda para que aprendesse a escrever com a destra. Como era de se esperar, não desenvolveu uma boa caligrafia. A pressão no sistema de ensino o fez abandonar o curso de Tecnologia Agrícola no Colégio Agrícola Federal, em Rio Negro, no Paraná.

Voltou para Tangará e recomeçou de onde havia parado, no bar que o pai tinha ao lado da rodoviária. Como garçom, sentia a liberdade de poder ser canhoto ou qualquer outra coisa que quisesse. Ali, conversava, sorria, fazia amigos. Lá, conheceu o senhor Granzotto, que tinha um escritório de contabilidade nas redondezas e era cliente assíduo do bar. Aparecia religiosamente todos os dias para um café. E para despertar em Tadeu o gosto pela contabilidade. Optou pelo curso técnico na área, em vez de cursar a segunda opção disponível, o magistério.

– Eu já conhecia outras pessoas formadas na área, sabia lidar bem com números, em trabalhar com pessoas, foi por isso.

A explicação bastante ponderada esconde um Tadeu que, na verdade, sempre soube honrar a frase que abre este texto. A emoção rege suas decisões. Mal entrou no curso técnico em contabilidade e já se embrenhou em intensas atividades paralelas. Virou presidente do centro cívico do colégio e criou um jornal com as notícias estudantis.

Foi ainda vice-presidente da Comissão Municipal de Esportes de Tangará (CME), Coordenador dos Jogos Regionais de SC. Aliás, a atuante vida esportiva, seja como jogador de futsal, bolão e bocha, seja como apoiador de projetos, é algo de que Tadeu se orgulha. Assim como o auxílio aos carentes.

Em meio a essa correria, deu tempo de cruzar o caminho de Rosemari, sua esposa, com quem se casou aos 21 anos e teve dois filhos – Juliane e Tadeu Henrique. E até na hora de trocar alianças, Tadeu trabalhou, sempre intenso. Acabou se tornando coordenador durante 18 anos do curso preparatório de casais que precisou fazer na igreja.

Todo esse currículo impressiona, e isso que ainda estamos falando do início dos anos 1980. Tanto envolvimento e tanta intensidade ao se relacionar

com projetos e pessoas apontavam que um convite para o mundo da política seria, pois, algo natural. Ele veio, mas Tadeu fez apenas um mandato de vereador.

– Resolvi focar na minha profissão – conta.

E focou como poucos. Ainda nos anos 1980, abriu o próprio negócio que mantém até hoje. O orgulho da empresa é perceptível quando Tadeu desfralda a imensa lista de realizações e, mais do que isso, atualizações que tem feito para ele e seus funcionários. As melhorias na empresa nunca pararam. Tadeu não costuma conjugar esse verbo “parar”. Até porque ele não passou todo esse tempo administrando a sua carreira como contador. As ações solidárias já citadas seguiram a todo vapor, o apoio ao esporte também. E da emoção que sempre o guiou com a força de um Fórmula 1, nasceram parcerias, federações, associações.

“Você tem que se dedicar, fazer as coisas de boa-fé. Eu parto do seguinte princípio: se peguei algo para fazer, estou comprometido até o fim.”

vê, não se limitou a frequentar as disciplinas.

– Virei o paizão dos mais novos da universidade. Fui eleito o amigo da turma e orador na formatura – orgulha-se Tadeu, que inclusive ajudou a organizar o sempre temido trote aos recém-chegados à faculdade.

O ingresso tardio para os padrões tradicionais se deve simplesmente àquele trauma de infância que o deixava quase impossibilitado de escrever de

maneira legível. Acabava sempre reprovado na redação durante o vestibular.

– A mão tremia, suave, simplesmente não conseguia.

Procurou uma psicóloga e, depois de muitas sessões de regressão, conseguiu ultrapassar mais esse adversário. O momento decisivo para dissipar a maldição se deu ao acaso. Coisa do destino. Foi quando encontrou, depois de muitos anos, uma das freiras que o atormentavam com a censura sobre sua mão esquerda.

Um longo abraço, um choro autêntico. Foram suficientes para Tadeu perdoar a religiosa e seguir em frente, rumo à universidade e a tantas outras conquistas que ainda viriam. Foi com emoção, claro. Como ele avisou desde o início.

BIBLIOTECA HUMANA



VALDIR BAZZI (IN MEMORIAM)
— Empresário Contábil - Coronel Freitas/SC

“Valdir Bazzi sempre se destacou por devorar a literatura das ciências contábeis, com gosto especial pela legislação. Por isso, o apelido de Biblioteca Humana.”

Alessandra precisou seguir em frente após a perda do pai. Valdir Bazzi partiu em 2013, aos 66 anos, acometido de um câncer veloz e fatal. A empresa de contabilidade, naquele momento com 38 anos de existência, tinha que ser resiliente e alguém necessitava dar continuidade ao que ele construiu e ensinou aos colaboradores.

O sentimento de saudade pela ausência era constante. Ainda que experimentasse alterar algumas características do ambiente, uma tentativa compreensível que, contudo, se mostrou em vão. Afinal, tudo lembrava o pai, o marido, o chefe, o contador.

Ou melhor, a “Biblioteca Humana”, como era chamado. O apelido é fácil de entender. Valdir sempre se destacou por devorar a literatura das ciências contábeis, com gosto especial pela legislação.

– Precisava reunir mais de uma pessoa para igualar o conhecimento dele. O domínio da parte técnica dele fazia toda a diferença – lembra Alessandra.

O seu conhecimento não foi embora, segue guiando Alessandra, uma filha dedicada a fazer a empresa prosperar ainda mais. Porque isso também avança o legado de Valdir.

A história de Valdir começa no Rio Grande do Sul. Nasceu em Aratiba, em 1947. Passou a residir em Coronel Freitas, em Santa Catarina, a partir de 1978. Foi casado com Iraci Maria Piaia Bazzi e teve três filhos: Felipe e Talissa, além, claro, de Alessandra. cursou o Técnico em Contabilidade no Colégio Comercial de Xaxim em 1972. Também se formou em Administração pela Fundeste de Chapecó em 1978 e em Ciências Contábeis pela Unigran de Dourados-MS em 2011.

Iniciou na atividade contábil em 1974, ao adquirir a empresa Oeste Contábil, hoje a Bazzi Soluções Contábeis e Empresariais. Deixou a estabilidade do Banco do Brasil para empreender.

“Ele segue ditando os rumos do presente.

Não há nada que seja feito na empresa sem aquela pergunta básica: O que Valdir faria?”

Uma aposta certa. Tão certa que a sua atividade profissional transbordou pelos muros da empresa. Presidiu as mais variadas instituições, de associações de despachantes à de moveleiros. Foi homenageado em 2011 ao receber o Prêmio de Destaque da Contabilidade do Estado de Santa Catarina, entregue pelo CRCSC.

Foi um dos propulsores do projeto “A caminho dos Móveis”, desenvolvido em Coronel Freitas, com o objetivo de concentrar um número expressivo de indústrias, gerando emprego e renda para a cidade e oportunidades para novos investidores.

– Era uma pessoa bastante simples e que gostava, acima de tudo, de ajudar o próximo – define Alessandra.

Exatamente. Também se preocupava com o lado comunitário. Foi presidente do Lions Clube de Coronel Freitas (1978-1980) e governador do Lions pelo Distrito L-23 (1993/1994). Em 33 anos de atuação na entidade, sempre recebeu 100% de presença no clube.

O estado avançado do câncer fez com que Valdir passasse a se ausentar,

sobretudo da empresa – ao menos, fisicamente. Alessandra recorda os tempos difíceis em que praticamente viviam no hospital.

– Foi mais ou menos um ano e meio assim. Mas ele nunca deixou de se envolver com a empresa, seguia totalmente atuante embora longe. E nunca falava “se eu morrer”.

Mesmo com atitude positiva, era preciso planejar o futuro. Um comitê gestor foi criado na empresa para fortalecer novas lideranças e cuidar da longevidade da organização contábil na ausência de Valdir. Inclusive, indicou o amigo e profissional Roberto Aurélio Merlo para conduzir este processo. Ele deve ter gostado dessa atitude da família. Até porque Valdir gostava de planejar tudo, inclusive as férias.

– O planejamento das férias era sempre com ele. Adorava. Fizemos uma viagem fantástica para a Europa certa vez, por sinal um sonho dele de levar a família, lembro com muito carinho – conta Alessandra.

As memórias realmente são as melhores possíveis. Mas Valdir não é apenas parte de um passado feliz. Ele segue ditando os rumos do presente. Não há nada que seja feito na empresa sem aquela pergunta básica: “O que Valdir faria?”.

– Eu faço realmente igual. Porque ele nos ensinou princípios e valores dos quais eu não abro mão.

Alessandra mantém o quadro com a imagem do pai às suas costas por continuar sendo seu mentor e pelo sentimento de proteção.

– Eu imaginei que ele ficaria na empresa até seus 90 anos. Mas enfim, não foi o que ocorreu, e estou aqui dando sequência ao trabalho dele juntamente com a equipe, formada por colaboradores que sempre o respeitaram pelo conhecimento, profissionalismo e característica paterna.

Não tenha dúvida. A “Biblioteca Humana” ainda tem muito conhecimento guardado para fazer o que Valdir mais buscou em vida: compartilhar.

O ANSEIO POR ENSINAR



VANDERLEI DOS SANTOS
— Professor - Blumenau/SC

Desde as brincadeiras da infância na propriedade da família, Vanderlei dos Santos sempre sonhou ensinar. Oriundo de uma família humilde, apoiou-se na contabilidade para ter suas primeiras oportunidades de trabalhar e continuar estudando depois de concluir o ensino médio. Hoje doutor, se realiza ao transmitir seu conhecimento na universidade e estimular jovens a seguirem no ramo.

“A sala de aula é uma terapia. Nem todos os dias nós estamos bem, tem dias que estamos cansados, mas estar na sala de aula elimina automaticamente esse cansaço e outras preocupações.”

O sonho vem desde a infância na pequena Apiúna, em Santa Catarina. Os pais, com pouco estudo, viviam do plantio de fumo, e o pequeno Vanderlei não tinha muitos brinquedos. Mas tinha a imaginação. A brincadeira favorita era a de ser professor. Assim, Vanderléia, a irmã caçula, entrou na escola já alfabetizada.

– Acho que esse desejo sempre se manteve vivo, e mesmo tendo percorrido alguns caminhos, eles sempre levaram, de forma consciente ou inconsciente, a esse foco, a essa finalidade. Com o tempo, foi se materializando e ficando mais claro – comenta.

E os caminhos não foram poucos. Com 15 anos, conciliava os estudos à noite com o primeiro emprego, na produção de uma indústria têxtil. Sonhava ingressar em uma universidade, mas não tinha condições. Por isso, optou pelo curso técnico em contabilidade, iniciado em 2002.

No mesmo ano, começou um estágio em um escritório contábil. Era meio período, e a bolsa apenas bancava o transporte e as mensalidades do curso técnico. Mas o aprendizado com a sócia contadora Solange Rejane Schroder foi valioso. E por sorte, pouco tempo depois do ingresso, o estágio passou a ser de período integral.

– Com o tempo, fui desenvolvendo uma relação de amizade e confiança com a Solange. Também tive a oportunidade de aprender muito com ela. Lembro com carinho até hoje dos nossos fechamentos de balanços, ela me explicava tudo, todos os detalhes e procedimentos – conta.

Empolgado com a área, Vanderlei ingressou em 2004 no curso de Ciências Contábeis da FURB. Ao final dos quatro anos da graduação, quando preparava o trabalho de conclusão, conheceu Ilse Maria Beuren, referência nacional na área. Teve início ali uma grande parceria.

Em setembro de 2008, um mês depois de se formar como o melhor aluno do curso, ingressou no mestrado. Atarefado, tomou a dura decisão de abandonar o emprego no escritório de Solange. A dedicação precisava ser grande, mas a vontade de aprender para um dia ensinar era maior.

– Optei por seguir a carreira acadêmica. É claro que você não faz nada sozinho. Tive um incentivo muito grande da professora Ilse. Ela é uma pessoa de referência na área em âmbito nacional e me incentivou a fazer o mestrado – conta.

No início de 2010, Vanderlei viu passar raspando a realização do antigo sonho quando abriu um concurso público para professor na Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc. Mas ninguém passou, e a seleção precisou ser repetida mais tarde, quando ele já tinha obtido o necessário título. Foi aprovado em primeiro lugar.

Em fevereiro de 2011, a brincadeira de infância na fazenda, em Apiúna, virou realidade. Depois de muito aprendizado e preparo, o menino que sequer

sabia o que era contabilidade hoje é um adulto que tem na transmissão de conhecimento sua realização.

– A sala de aula é uma terapia. Nem todos os dias nós estamos bem, tem dias que estamos cansados, mas estar na sala de aula elimina automaticamente esse cansaço e outras preocupações – conta.

Vanderlei é um professor inquieto. No começo no magistério, trocava disciplinas de um semestre para outro e fazia o possível para incentivar os alunos.

Mas a busca por conhecimento estava longe de acabar. Em 2014, participou de seleções para doutorado na UFSC, USP e FURB. Aprovado em todas, cogitou uma mudança para São Paulo. Mas em Florianópolis teria a chance de trabalhar novamente com a professora Ilse. Motivado, partiu para um período de muito esforço e dedicação na Capital.

“Quando você tem o objetivo claro, tem parcerias e valores éticos, as coisas se ajeitam, dão certo.”

– No doutorado, me envolvi em muitas atividades, pesquisas, publiquei muitos artigos, e teve um período da tese em que o tempo ficou curto – conta. – Quando você tem o objetivo claro, tem parcerias e valores éticos, as coisas se ajeitam, dão certo – acrescenta.

Vivendo em Florianópolis, ficou longe da família, chegando até a se ausentar em um Natal. Mas sempre contou com o apoio da mãe Lordete Teresinha Kuhn, do pai José Maria dos Santos, das irmãs Marileusa, Marilene (e o marido Jackson) e Margarete (e o marido Kleiton). E, claro, Vanderleia, aquela que havia aprendido a ler e escrever com o irmão.

Vanderleia casou-se com André, e durante o período de doutorado de Vanderlei, o casal teve a filha Elisa. O contador fala com carinho do laço que tem com a única sobrinha, e se diverte ao contar uma história da menina.

– Quando ela era pequena, acho que com dois anos, ela não queria que

eu fosse embora. Eu disse que precisava escrever um artigo, e ela me disse que me ajudaria a fazer! Falava que ia escrever um artigo comigo – conta.

O sacrifício de ficar longe da família valeu a pena, e Vanderlei voltou cheio de ideias para lecionar na Udesc. Exerceu um mandato de dois anos como coordenador do curso, precisando lidar com os desafios ocasionados pela pandemia de covid-19.

Além disso, ofertou uma disciplina optativa para levar às salas de aula a experiência do mercado de trabalho, em que os alunos precisam aplicar o conhecimento adquirido ao longo do curso para resolverem problemas reais de empresas. A avaliação não é feita por provas, mas por um feedback deles próprios, dos pares e do docente, como ocorre no mercado.

– Isso também foi novidade para mim, mas eu quis me desafiar – conta.

Desafios, aliás, fazem parte desde o início de sua trajetória.

EXPEDIENTE

DIRETORIA EXECUTIVA

Biênio 2020/2021

Rúbia Albers Magalhães

– PRESIDENTE

Raquel de Cássia Souza Souto

– VICE-PRESIDENTE CÂMARA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Ranieri Angioletti

– VICE-PRESIDENTE CÂMARA DE FISCALIZAÇÃO, ÉTICA E DISCIPLINA

Hermeliano de Oliveira

– VICE-PRESIDENTE CÂMARA DE REGISTRO

Adriano de Souza Pereira

– VICE-PRESIDENTE CÂMARA DE CONTROLE INTERNO

José Mateus Hoffmann

– VICE-PRESIDENTE CÂMARA DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Roberto Aurélio Merlo

– VICE-PRESIDENTE CÂMARA TÉCNICA

Marcello Alexandre Seemann

– VICE-PRESIDENTE INSTITUCIONAL E DE RELAÇÃO COM OS PROFISSIONAIS

CÂMARA DE ÉTICA E DISCIPLINA

TITULARES

Ranieri Angioletti
Sérgio da Silva
Marcos Alexandre Emílio
Adilson Bachtold
Solange Rejane Schroder
Maria Denize Henrique Casagrande
José Mateus Hoffmann
John Carlos Zoschke
Raquel de Cássia Souza Souto
Roberto Aurélio Merlo
Guilherme Corbellini
Ilário Bruch

SUPLENTES

Marcelo Machado de Freitas
Giselle Varela Serpa
Valdecir José Nunes da Silva
Asdir Elton Kratz
Bruna Linzmeier
Marlise Alves Silva Teixeira
Tadeu Pedro Vieira

Marcelo Burg
Marcia Regina Mendes da Silva Dias
Dayana Fernandes da Silva
John Kennedy Lara da Costa

CÂMARA DE REGISTRO

TITULARES

Hermeliano de Oliveira
Édio Silveira
Solange Rejane Schroder
Péricles de Oliveira Borges
Cassiano Bambinetti

SUPLENTES

Ivan Gabriel Coutinho
John Kennedy Lara da Costa
Bruna Linzmeier
Gislei Hemsing
José Carlos de Souza

CÂMARA DE RECURSOS DE ÉTICA E DISCIPLINA

TITULARES

Ilário Bruch
Marcos Alexandre
Emílio Ranieri Angioletti
Adilson Pagani Ramos
Sérgio da Silva
Valdeci Sagaz

SUPLENTES

Marcelo Machado de Freitas
Daniela Zimmermann Schmitt
Walmor Mafra
José Carlos de Faveri
Giselle Varela Serpa
Luiz Ricardo Espíndola

CÂMARA DE RECURSOS DE FISCALIZAÇÃO

TITULARES

Ilário Bruch
Marcos Alexandre Emílio
Ranieri Angioletti
Adilson Pagani Ramos
Sérgio da Silva
Valdeci Sagaz

SUPLENTES

Marcelo Machado de Freitas
Daniela Zimmermann Schmitt
Walmor Mafra
José Carlos de Faveri
Giselle Varela Serpa
Luiz Ricardo Espíndola

CÂMARA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

TITULARES

Raquel de Cássia Souza Souto
Adilson Pagani Ramos
Édio Silveira

SUPLENTES

Marcelo Burg
José Carlos de Faveri
José Carlos de Souza

CÂMARA DE CONTROLE INTERNO

TITULARES

Adriano de Souza Pereira
John Carlos Zoschke
Guilherme Corbellini
Hermeliano de Oliveira
Valdeci Sagaz

SUPLENTES

Neusa Ivete Muller
Tadeu Pedro Vieira
Vladimir Arthur Fey
Ivan Gabriel Coutinho
Luiz Ricardo Espíndola

CÂMARA DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

TITULARES

José Mateus Hoffmann
Adilson Bachtold
Marcos Alexandre Emílio
Adriano de Souza Pereira
Maria Denize Henrique Casagrande

SUPLENTES

Marlise Alves Silva Teixeira
Asdir Elton Kratz
Daniela Zimmermann Schmitt
Neusa Ivete Muller

CÂMARA TÉCNICA

TITULARES

Roberto Aurélio Merlo
Cassiano Bambinetti
Péricles de Oliveira Borges

SUPLENTES

Marcia Regina Mendes da Silva Dias
Walmor Mafra
Valdecir José Nunes da Silva

DELEGADOS DE REPRESENTAÇÃO

Araranguá: Elton Rufino Borges; **Balneário Camboriú:** Karine Backes; **Blumenau:** Yara Patricia Rampeloti; **Brusque:** aguardando posse; **Caçador:** Juliane Katia Parisotto Binotto; **Campos Novos:** Marcos Semin; **Canoinhas:** Soraia Cristina Bueno Kohler; **Chapecó:** André Bernardo Celuppi; **Concórdia:** Marciano da Silveira Piazzentini; **Criciúma:** Odivan Martinhago; **Curitibanos:** Jandival Ross; **Ibirama:** Clenia Mary Fachini Balem; **Imbituba:** Elivelton Luiz Doré; **Indaial:** Andre Kannenberg; **Itajaí:** Eduardo José Bohora G. Filho; **Itapiranga:** Vicente Royer; Ituporanga: Luciano Juarez Bezerra; **Jaraguá do Sul:** Ademir Orsi; Joaçaba: Marcilio Vargas Alves; **Joinville:** Juliana Larissa Gallini; **Lages:** Aldo Esmerio de O. Junior; **Laguna:** Kellen Perin; Mafra: Evelayne Carvalho Bendlin; **Maravilha:** Celso Camilo Broetto; **Orleans:** Giuliano Leepkahn Damazio da Cruz; **Palhoça:** Marcos Cardoso Canto; **Palmitos:** Leila Cristina M. Pasqualotto; **Porto União:** Edson Luís Francisco; **Rio do Sul:** Mara Juliana Ferrari; **São Bento do Sul:** Jaison Danilo Alves; **São Joaquim:** Alceri Chiodeli; **São José:** Gladys Sara Sarobe; **São José do Cedro:** Carlos Vanderley Porfirio; **São Lourenço do Oeste:** Marcos Antônio Erbes; **São Miguel do Oeste:** Clonice Santin Haas; **Tijucas:** Anderson Fausto da Cruz; **Timbó:** Rúbia Loch Lopes Giovanella; **Tubarão:** Cláudia Nogueira Mendes; **Videira:** Cladi Ana Frozza Vescovi; **Xanxerê:** Sedirlei Roseli G. Dagort.

COMISSÃO DO LIVRO



Elisete Dahmer Pfitscher
Membro da Comissão do Livro



Gilberto Brasil
Membro da Comissão do Livro



Solange Rejane Schroder
Conselheira do CRCSC e
membro da Comissão do Livro



Daniela Zimmermann Schmitt
Conselheira do CRCSC
e Coordenadora da
Comissão do Livro



Elias Nicoletti Barth
Membro da Comissão do Livro



Aldo Esmério de Oliveira Junior
Delegado Representante
do CRCSC e membro
da Comissão do Livro



Rubia Thaise Quioca
Membro da Comissão do Livro

75 **CRCSC**
anos

Nossas conexões
fazem história